

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

Departamento de Ciências Sociais

Bacharelado em Ciências Sociais

MITADA, RISO E MOVIMENTAÇÃO

NEOFASCISTA NAS REDES:

**A nova direita brasileira e a memeficação da
política**

Carlos Eduardo Muniz Borges

Recife, Outubro de 2022

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

Departamento de Ciências Sociais

Bacharelado em Ciências Sociais

**MITADA, RISO E MOVIMENTAÇÃO
NEOFASCISTA NAS REDES: A nova direita
brasileira e a memeficação da política**

Carlos Eduardo Muniz Borges

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais, sob a orientação da Prof^a . Dr^a . Giuseppa Maria Daniel Spenillo.

Recife, Outubro de 2022

**MITADA, RISO E NEOFASCISMO NAS REDES: A nova direita
brasileira e a memeficação da política**

Monografia aprovada em ____/_____/2022, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, por todos os membros da Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA

Nota _____

Prof.^a Dr.^a. Giuseppa Maria Daniel Spenillo, Orientadora

Nota _____

Prof. Dr. Maurício Sardá de Farias

Nota _____

Prof. Dr. João Morais de Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B732m Borges, Carlos Eduardo Muniz
 Mítada, riso e movimentação neofascista: A extrema-direita brasileira e a "memeficação" da política / Carlos Eduardo
Muniz Borges. - 2022.
 63 f. : il.

 Orientador: Giuseppa Maria Daniel Spenillo.
 Inclui referências e anexo(s).

 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Bacharelado em
Ciências Sociais, Recife, 2023.

 1. Redes sociais. 2. Política. 3. Nova Direita. 4. Comunicação. 5. Meme. I. Spenillo, Giuseppa Maria Daniel, orient. II.
Título

AGRADECIMENTOS

Eu sempre imaginei que a parte de agradecimentos era a mais fácil no processo de escrita de um trabalho. Mas a minha vez de escrever demonstrou que é uma parte tão desafiadora quanto o restante.

Inicialmente gostaria de agradecer aos meus pais por todo o suporte ao longo da graduação, e por desde a infância me incentivar aos estudos e ao gosto pela leitura. A conclusão deste trabalho é uma conquista nossa. Não só nossa, mas de todos e todas que vieram antes de nós e tiveram esse direito negado.

Agradeço ao corpo docente da UFRPE. Em especial, agradeço ao professor Paulo Afonso Barbosa de Brito, por tanto aprendizado, conversas, e principalmente pelo exemplo de vida. Uma pena não ter tido tempo de dizer isso, mas o senhor foi uma daquelas pessoas que Bertolt Brecht classificou como imprescindível. Obrigado por tanto incentivo dado a mim ao longo do percurso.

A professora Giuseppa Spenillo, agradeço por ter topado a “viagem” que foi a construção desse trabalho. Assim como o professor Paulo, a senhora tornou-se uma referência para mim, que carregarei por toda a vida. A sua firmeza de princípios, serenidade, inteligência e visão criativa são uma inesgotável fonte de inspiração. Sou muito grato ao Destino por tê-la colocado em meu caminho.

Também gostaria de agradecer à Nayara Marinho pela paciência e carinho. Saber que posso contar contigo torna tudo mais leve. Muito obrigado por acreditar em mim e por colorir os meus dias.

Por fim, gostaria de agradecer ao curso pelas pessoas incríveis que me possibilitou conhecer. Muitas dessas pessoas, inclusive, tornaram-se boas amigas, que espero cultivar pelo resto da vida. São tantas e tantas que seria injusto listar e cometer a injustiça de acabar esquecendo de alguém. Contudo, tão injusto quanto esquecer, seria não mencionar Carina Souza e Leonardo Luiz. Carina, obrigado por acreditar em mim. Leonardo Luiz, amizade que se forjou nas intermináveis horas no Tancredo/Macaxeira não se desfaz. Vocês sabem o quanto os admiro.

“Se o critério é o extraordinário, o que se
pode fazer se você não é?”

The Umbrella Academy

RESUMO

O trabalho apresenta uma investigação sobre o processo de aproximação de atores da chamada nova direita brasileira com setores da *cibercultura*, sugerindo que essa proximidade resultou em um processo denominado de memeficação da política, onde a ideologia defendida e a propaganda transmitida via memes se confundem. A pesquisa foi realizada através de uma análise do discurso manifestado por esses sujeitos nas plataformas digitais. Os discursos para análise foram obtidos por meio de observação da atuação dos usuários em redes sociais digitais, nomeadamente o Twitter e o Reddit, no período compreendido entre os dias 03 de Agosto de 2022 e 15 de Outubro de 2022.

Palavras- chave: Redes sociais; política; nova direita; meme.

ABSTRACT

The work presents the investigation of the approximation of a new so-called Brazilian right with the sectors of cyberculture, suggesting that this promotion produced a process called memefication of politics, where an advertisement of the so-called defended via memes is confused. The research was carried out through a survey of the discourse manifested by these analyzes on digital platforms. The analysis analyzes obtained through observation of the performance of journalists in social networks, namely, on Twitter for the period of analysis and between August 2, 2022 and October 15, 2022.

Keywords: Social networks; policy; new right; meme.

SUMÁRIO

Lista de ilustrações	9
Lista de tabelas	9
Introdução	10
1. Histórico e conceituação da cibercultura	12
1.1. Tecnologias da informação: uma revolução?	12
1.2. Evolução da internet e da cibercultura	15
1.3. Chegada e desenvolvimento da cibercultura no Brasil	19
1.4. As redes sociais digitais hoje	22
1.5. A memeficação da política	27
2. Abordagem metodológica e caracterização dos sujeitos investigados	31
2.1. Métodos utilizados	31
2.2. Apresentação dos sujeitos: nova direita brasileira e seus espaços de atuação na internet	33
3. Os casos estudados	38
3.1. Apresentação dos dados e sistematização	38
3.2. A nova direita no Twitter e no Reddit	43
3.2.1 A nova direita no Twitter	43
3.2.2 O /r/brasílivre e os <i>trolls</i>	49
Considerações Finais	55
Referências	57

Lista de ilustrações

Figura 1 – Neoconservadorismo e teorias de conspiração no plano de governo	30
Figura 2 – Guerra cultural	44
Figura 3 – Teatro das tesouras	45
Figura 4 – O conservadorismo interrompendo o teatro das tesouras	45
Figura 5 – Censura pelas redes sociais digitais	45
Figura 6 – Conservadores perseguidos pela imprensa	46
Figura 7 – Conservadorismo enquanto identidade nacional	46
Figura 8 – Demonização da oposição	46
Figura 9 – Conservadorismo representa o cidadão comum	47
Figura 10 – Ligação com o crime	47
Figura 11 – Meme com acusação de corrupção	47
Figura 12 – <i>Shitpost</i> publicada por Jair Bolsonaro	48
Figura 13 – Carreata virtual	48
Figura 14 – Participação na TV Globo	48
Figura 15 – Comportamento <i>Troll</i>	49
Figura 16 – Repercussão das “mitadas”	49
Figura 17 – Teatro das tesouras no /r/brasilivre	50
Figura 18 – Resposta dada ao <i>post</i> da figura 17	50
Figura 19 – Perseguição do Poder Judiciário aos conservadores	51
Figura 20 – Perseguição das plataformas de redes digitais aos conservadores	51
Figura 21 – Perseguição da mídia aos conservadores	52
Figura 22 – Parcialidade do algoritmo do YouTube	52
Figura 23 – <i>Fascismball</i>	53
Figura 24 – <i>Shitpost</i> com a imagem de Jair Bolsonaro	53
Figura 25 – Meme ridicularizando o ex-presidente Lula	53

Lista de tabelas

Tabela 1 – Lista de contas observadas no Twitter	33
Tabela 2 – Tabela de interpretação dos conceitos	38

INTRODUÇÃO

No ensaio Manifesto Hacker (1986), o *hacker* The Mentor, pseudônimo de Loyd Blankenship, convida o leitor a enxergar as coisas a partir de seu ponto de vista, a entrar em seu mundo. Levando este convite como ponto de partida, proponho algo semelhante. Imagine que você é um homem jovem, cuja principal ferramenta de socialização é a internet. No *ciberespaço* você encontra comunidades dedicadas a todos os seus interesses, sejam eles os mais diversos. A *cibercultura* abrange espaços de discussão que vão desde temas avançados de programação e ciência à música, jogos digitais e humor. Os espaços de socialização que você visita são bastante diversos, e vão desde fóruns e *imageboards*¹ até as plataformas de redes sociais digitais convencionais. No entanto, você nota que a presença dos memes é marcante. Eles são onipresentes. E em meio a esse turbilhão caótico de *posts*², entre *gifs*³ de animais brincando e piadas sobre o cotidiano, você acaba por ter contato com revisionismo histórico, teorias da conspiração, apologia a regimes ditatoriais, racismo e misoginia, tudo com roupagem de piada.

Pode-se perceber, com a situação exposta, que os memes são parte fundamental da cultura digital. O interesse pela temática surgiu devido a minha experiência enquanto usuário da internet. Assim como no exercício reflexivo proposto anteriormente, eu fui um desses jovens que esteve imerso em ambientes virtuais onde o humor e o discurso de ódio eram divididos por uma linha tênue. Estive acompanhando alguns dos eventos que serão posteriormente detalhados, tais como o *#gamergate* e a ascensão de uma nova direita no campo digital, que posteriormente tomou as ruas (e as urnas). Por isso, munido das ferramentas que as Ciências Sociais proporcionam, decidi explorar, de forma científica, essa realidade que presenciei ao longo do tempo. Dessa maneira desenvolvi a hipótese de memeficação da política.

Portanto, este trabalho tem como objetivo investigar a relação de proximidade entre determinadas forças políticas e setores da *cibercultura* ligados aos memes. Para isso, estabeleceu-se como pergunta norteadora a seguinte questão: é possível afirmar que a chamada nova direita brasileira utiliza do potencial de comunicação dos memes para

¹ Imageboard (também conhecido como chan) é um tipo de fórum de discussão baseado em imagens. Geralmente o acesso é bastante simplificado e não exige cadastro, favorecendo o anonimato, de forma que qualquer pessoa pode participar da discussão.

² Neologismo baseado no inglês post, também conhecido como postagem. Refere-se a conteúdo que é publicado na internet.

³ Refere-se a extensão .gif. Particularmente utilizado por sua capacidade de animar as imagens, em oposição às imagens estáticas de outros formatos.

veicular suas ideias do grande público que circula nas redes digitais?

Para poder responder a este questionamento, julgou-se necessário um mergulho cognitivo acerca de conceitos que fornecessem uma base teórica sólida para possibilitar um estudo sociológico no e do campo virtual. Essa base pode proporcionar a concretização de outros objetivos, tais como uma descrição do desenvolvimento da *cibercultura* e a chegada de suas tecnologias ao Brasil, além de sua relação com a nova direita emergente.

Por isso, as plataformas de redes sociais digitais foram o principal campo de investigação. Então o Reddit e o Twitter foram os sites escolhidos para realizar essa análise, por motivos que serão detalhados ao longo deste estudo monográfico.

Dentre os métodos desenvolvidos pelas Ciências Sociais, inicialmente saltou aos olhos a proposta da netnografia. No entanto, a escolha feita pelo método de observação foi realizada devido à postura dos sujeitos investigados. Segundo Ferro (2015), a netnografia, enquanto técnica de pesquisa, põe o pesquisador na condição de participante ativo na cultura pesquisada. Por esse motivo, foram escolhidas técnicas de obtenção de dados que não envolvessem a participação, pois havia o receio, por parte do pesquisador, de que chamar a atenção dos sujeitos pesquisados arriscasse o andamento da pesquisa. Na era digital o bloqueio está sempre à espreita.

Isto posto, a monografia está dividida em três capítulos, além da introdução. O primeiro capítulo concentrou-se na abordagem dos conceitos que conduziram a produção da pesquisa. Foi realizada uma problematização sobre a revolução da tecnologia da informação e o desenvolvimento da *cibercultura*. Além disso, neste capítulo são relatadas as formas de atuação de setores da extrema direita nas redes sociais digitais, além das bases teóricas que fundamentam a hipótese de memeficação da política.

O segundo capítulo corresponde à discussão acerca da metodologia adotada, além da apresentação dos sujeitos que compõem o corpus investigativo.

O terceiro capítulo trata da apresentação do que foi observado durante o período da pesquisa. Nele estão as figuras que demonstram a concretização das situações aventadas pelos conceitos e como estes foram absorvidos pelos sujeitos presentes nas redes digitais e trouxemos para compor o corpus investigativo deste trabalho.

Por fim, são indicadas algumas conclusões e reflexões geradas pela pesquisa.

1. HISTÓRICO E CONCEITUAÇÃO DA CIBERCULTURA

Neste capítulo, apresentamos alguns dos conceitos centrais para a compreensão da chamada cibercultura, para o que dialogamos com autores das Ciências Sociais, clássicos e contemporâneos, com historiadores e filósofos, de modo a referendar nossa interpretação sobre a investigação realizada.

1.1. Tecnologias da informação: uma revolução?

O século XX foi marcado por revoluções. Quando nos referimos a esse fato, em geral nos lembramos das revoluções políticas que ocorreram neste período. Antes de mais nada, é importante notar que o conceito de revolução é muito amplo e possui diversas interpretações. Rosa Luxemburgo, por exemplo, foi uma intelectual cuja atuação política revolucionária fazia com que pensar a revolução estivesse na centralidade de suas formulações. Dessa forma, ela entendia a revolução social como “a transformação da ordem existente” (LUXEMBURGO, 2010, p. 17). Já Eric Hobsbawm (2011) oferece um panorama para analisar o nível de profundidade com que as revoluções alteram a dinâmica social. Usando exemplos de palavras amplamente usadas no cotidiano, tais como “capitalismo”, “indústria”, “cientista” e “jornalismo”, ele demonstra que o sentido que atualmente atribuímos a essas palavras nasceu no período das revoluções industriais e da revolução francesa. Esta perspectiva fica melhor ilustrada no seguinte trecho:

Imaginar o mundo moderno sem estas palavras (isto é, sem as coisas e conceitos a que dão nomes) é medir a profundidade da revolução que eclodiu entre 1789 e 1848, e que constitui a maior transformação da história humana desde os tempos remotos quando o homem inventou a agricultura e a metalurgia, a escrita, a cidade e o Estado. Esta revolução transformou, e continua a transformar, o mundo inteiro (HOBSBAWM, 2011, p. 20).

Entendendo a revolução como transformação social, tal como Rosa Luxemburgo, além de um processo com alto nível de capilaridade, a obra **A Sociedade em Rede**, de Manuel Castells analisa uma revolução que, em meados do século XX, trouxe um novo paradigma, responsável por grandes transformações nas sociedades que atingiu. A chamada Revolução da Tecnologia da Informação, segundo Castells, representou uma ruptura tão importante quanto as revoluções industriais dos séculos XVIII e XIX, isso porque ela atingiu todos os níveis da atividade humana (CASTELLS, 2019).

Dentre as tecnologias desenvolvidas pela revolução da tecnologia da informação, há que se destacar o advento da internet, cujo avanço foi possível graças à “fusão singular

de estratégia militar, grande cooperação científica, iniciativa tecnológica e inovação contracultural” (CASTELLS, 2019, p. 82). A computação e a internet, dois frutos da revolução tecnológica, dado o poder de penetrabilidade presente nas revoluções industriais, alteraram profundamente as dinâmicas sociais. Não à toa “vivemos num mundo que, segundo Nicholas Negroponte, se tornou digital” (CASTELLS, 2019, p. 68). Sobre esse mundo digital, compartilho da percepção de Evgeny Morozov (2020), que mantém uma visão crítica acerca do poder emancipatório da internet. Ao se referir à Aldeia Global, termo popularizado por Marshall McLuhan para denominar o efeito da comunicação de massas nas culturas, unificando-as em torno de uma cultura global, Morozov argumenta que:

A aldeia global jamais se materializou - em vez disso, acabamos em um domínio feudal, nitidamente partilhado entre as empresas de tecnologia e os serviços de inteligência (MOROZOV, 2020, p. 15).

Recorrendo a Howard Rheingold, Castells (2019) argumenta que a internet possibilitou a criação de uma nova forma de comunidade, nomeadas de comunidades virtuais. A interatividade possibilitada pelas comunidades virtuais viabilizou a formação do que Castells chama de sociedade interativa. No entanto, essa nova ideia de comunidade não foi bem aceita por alguns críticos. Para Castells:

Não raro os críticos sociais se referem implicitamente a um conceito idílico de comunidade, uma comunidade muito unida, espacialmente definida, de apoio e aconchego, que provavelmente não existia nas sociedades rurais, e que decerto desapareceu nos países industrializados (CASTELLS, 2019, p. 441).

Essa “nova forma de comunidade, que reúne pessoas online ao redor de valores e interesses em comum” (CASTELLS, 2019, p. 440), está presente desde os primórdios da internet. Entretanto, Morozov apresenta um novo olhar sobre a expansão da influência da internet. Afirmando que “o Vale do Silício acabou dominando completamente nossa maneira de pensar sobre a tecnologia e a subversão” (MOROZOV, 2020, p. 16), ele demonstra uma batalha ideológica sobre os rumos da internet, quando duas versões de contracultura⁴ tecnológica disputam o sentido e o uso das tecnologias emergentes. De um lado havia a contracultura europeia, cujos hackers estavam relacionados com várias formas de protesto: ocupação (por vezes ilegal) de edifícios vazios, fortes vínculos com as lutas estudantis e com o movimento *punk*. Portanto é possível perceber uma intensa

⁴ Artemilson de Lima entende contracultura como manifestações, tanto coletivas quanto individuais, que buscam desafiar o status-quo e a cultura hegemônica, construindo alternativas para pensar que um outro mundo é possível (LIMA, 2013).

tendência política. Contudo, a história da contracultura estadunidense se fundiu com a história da contracultura, de forma que a corrente europeia foi apagada do imaginário coletivo. Tudo o que restou foi o individualismo e o consumismo do Vale do Silício, cujo modelo de negócios baseado em monopólios caracteriza o que é chamado por Morozov como “capitalismo tecnológico” (MOROZOV, 2020).

As comunidades virtuais serviram como base para Castells formular o conceito de Cultura da Virtualidade Real, demonstrado como:

Um sistema em que a própria realidade (ou seja, a experiência simbólica/material das pessoas) é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais no mundo do faz de conta, no qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transformam na experiência (CASTELLS, 2019, p. 455).

Seu ponto de partida é o de que:

Culturas consistem em processos de comunicação. E todas as formas de comunicação, como Barthes e Jean Baudrillard nos ensinaram há muito tempo, são baseadas na produção e consumo de sinais. Portanto, não há separação entre "realidade" e representação simbólica (CASTELLS, 2019, p. 455).

O conceito ajuda a pensar que não há distinção entre o "mundo online" e o "mundo offline", uma vez que “todas as realidades são comunicadas por intermédio de símbolos” (CASTELLS, 2019, p. 455). No que esse trabalho se propõe, a noção de virtualidade real auxilia a compreender a atuação de grupos da nova direita na internet.

Portanto, é possível entender que a cultura da virtualidade real, aliada a um sistema de multimídia integrado, alterou a forma que a sociedade da informação compreende o tempo. Essa linha de pensamento dialoga com algumas reflexões trazidas por Guy Debord (2016). Ele alega que “a temporalização do homem, tal como ela se efetua pela mediação de uma sociedade, é igual a uma humanização do tempo” (DEBORD, 2016, p. 126). Segundo ele, é a humanidade que atribui uma forma histórica ao tempo, e sem ela não seria possível o decurso temporal transformar-se em história (DEBORD, 2016). Dessa forma é possível afirmar, a partir das conclusões do ensaio de Debord, que o tempo é socialmente apropriado, uma vez que a sociedade passou a organizar-se a partir do trabalho e este, por sua vez, é temporalmente demarcado, gerando assim a sociedade de classes. O tempo virtual é marcado por simultaneidade e temporalidade (CASTELLS, 2019). O seguinte trecho ilustra essa perspectiva:

Com isso, toda a ordenação dos eventos significativos perde seu ritmo cronológico interno e fica organizada em sequências temporais condicionadas ao contexto social de sua utilização. Portanto, é simultaneamente uma cultura

do eterno e do efêmero. É eterna porque alcança toda a sequência passada e futura das expressões culturais. E efêmera porque cada organização, cada sequência específica, depende do contexto e do objetivo da construção cultural solicitada. Não estamos em uma cultura da circularidade, mas em um universo de temporalidade não diferenciada de expressões culturais (CASTELLS, 2019, p. 542).

O tempo virtual aparece, portanto, como um elemento da revolução tecnológica que se manifesta na internet. A discussão acerca da compreensão de tempo e tempo virtual, assim como os conceitos de sociedade da informação, comunidades virtuais e cultura da virtualidade real fornecem um panorama para pensar a comunicação e a Internet a partir de uma visão sociológica. Todavia, para demonstrar o cenário atual de utilização política das redes, faz-se necessário um breve estudo sobre o nascimento da internet.

1.2. Evolução da internet e da Cibercultura

Mark Fisher afirma que “as rupturas raramente são experimentadas como tais no momento em que acontecem” (FISHER, 2022, p. 73). Tal asserto encontra-se num contexto de análise sobre as décadas de 1970 e 1980, onde “todo um mundo (social-democrata, fordista, industrial) se tornou obsoleto e os contornos de um novo mundo (neoliberal, consumista, informático) começaram a se manifestar” (FISHER, 2022, p. 73). A eclosão desse novo mundo provocou, nas sociedades industriais, um pulsante movimento contracultural.

No bojo desse movimento surge a literatura *cyberpunk*, um subgênero da ficção científica que parte da perspectiva que o futuro seria uma combinação de alta tecnologia e baixa qualidade de vida⁵. Um mundo ultraglobalizado, cujo Estado foi completamente dominado e de certa forma substituído por grandes corporações, em que a tecnologia está completamente difundida em todos os aspectos da socialização humana, que se vê cada vez mais pauperizada e sem expectativas. Assim era como as obras da literatura *cyberpunk* imaginavam o futuro próximo.

E o que antes era uma espécie de alerta, uma distopia sobre um futuro opressor, parece ter-se tornado a realidade da conjuntura que Fisher (2020) nomeia de realismo capitalista. Ele define o realismo capitalista como “o sentimento disseminado de que o

⁵ Em inglês “high tech low life”. A frase é de autoria desconhecida, porém, é bastante referenciada nas obras do cyberpunk.

capitalismo é o único sistema político e econômico viável, sendo impossível imaginar uma alternativa a ele" (FISHER, 2020, p. 10). Como consequência, é criada uma apatia social, traduzida como a visão de que o futuro não trará novidades, uma vez que a história já aconteceu. Tal cenário é denominado por ele de lento cancelamento do futuro, termo resgatado a partir das formulações de Franco 'Bifo' Berardi (2019) sobre o que se entende por futuro. Para Berardi, os gritos de "no future", presentes nas músicas da banda inglesa de *punk rock* Sex Pistols, era um indicativo de que a percepção do futuro estava a mudar.

É sob a égide desse momento de ruptura que William Gibson escreve *Neuromancer* (2003), seu romance de estreia. Nele, além de lançar as bases da literatura *cyberpunk*, o autor descreve uma ideia que extrapola a ficção científica e chega à literatura acadêmica. Definido por Gibson:

O ciberespaço. Uma alucinação consensual, vivida diariamente por bilhões de operadores legítimos, em todas as nações, por crianças a quem estão ensinando conceitos matemáticos... Uma representação gráfica de dados abstraídos dos bancos de todos os computadores do sistema humano. Uma complexidade impensável. Linhas de luz alinhadas que abrangem o universo não-espaço da mente; nebulosas e constelações infundáveis de dados. Como luzes da cidade, retrocedendo (GIBSON, 2003, p. 53).

O pensamento de Gibson inaugura a noção de ciberespaço, que posteriormente seria resgatado, desenvolvido enquanto conceito e se tornado alvo de disputa. Grande parte do resgate da ideia de ciberespaço, deve-se a Pierre Lévy, que se dedicou a abordar o ciberespaço de forma científica, afastando-se da abstração permitida pela literatura ficcional. Ele demonstra que a evolução da computação causada pela revolução tecnológica da década de 1970 possibilitou o surgimento do ciberespaço (LÉVY, 1999).

Isto posto, se há uma palavra que pode definir o que foi a revolução da computação nos anos 1970, essa palavra seria velocidade. Essa palavra torna-se representativa ao pensarmos na lei de Gordon-Moore, apresentada por Pierre Lévy como uma lei que:

(...) tem se mostrado exata nos últimos 25 anos [e que] prevê que, a cada dezoito meses, a evolução técnica permite dobrar a densidade dos microprocessadores em termos do número de operadores lógicos elementares (LÉVY, 1999, p. 33).

No que se refere ao *hardware*, a parte mais física, a década de 1970 foi responsável pela evolução da capacidade de processamento, como visto no trecho acima, mas também na capacidade de memória, de armazenamento de dados e na transmissão de tais dados.

As inovações no campo da computação nos anos 1970 são responsáveis pela construção e popularização do computador pessoal. Os computadores, antes máquinas enormes, chegando a preencher o espaço de uma sala, foram diminuindo de tamanho e aumentando a performance, e com isso barateando o preço, possibilitando a popularização. O surgimento do computador pessoal catapultou o nascimento do *software*, parte virtual da computação, responsável pela interação do usuário com a máquina. Nessa época foram desenvolvidos os primeiros sistemas operacionais, entendido como um conjunto de *softwares* responsável por gerenciar os recursos do computador, e as linguagens de programação, que facilitaram a personalização do computador e concederam aos usuários a construção de seus próprios programas.

Paralelamente ao desenvolvimento dos computadores, as redes de telecomunicações também iam expandindo sua capacidade de transmissão de dados. A criação do *modem* para computador preparou a internet para ser utilizada por interesses além do militar e do acadêmico, conectando usuários ao redor do mundo. Assim, surgem os primeiros fóruns de conversa e discussão (CASTELLS, 2019).

A partir desse cenário de popularização dos computadores e com a internet conectando pessoas em diferentes lugares e de diferentes culturas, é criada a noção de cibercultura, sendo o ciberespaço o local onde essa cibercultura é manifesta. “Eu defino o ciberespaço como o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (Lévy, 1999, p. 92). Por ser uma referência, essa definição de ciberespaço apresentada por Pierre Lévy serve como um panorama inicial para entendermos o debate sobre o conceito. E sobre a cibercultura, Lévy define como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o ciberespaço” (LÉVY, 1999, p. 17). Ademais, a partir dessa formulação inicial de cibercultura, Francisco Rüdiger fornece outra definição do termo:

A cibercultura pode ser entendida como uma formação histórica de cunho prático e cotidiano, cujas linhas de força e rápida expansão, baseadas nas redes telemáticas, estão criando, em pouco tempo, não apenas um mundo próprio, mas, também, um campo de interrogação intelectual pujante, dividido em várias tendências de interpretação (RUDIGER, 2013, p. 7).

Ao analisar o caminho traçado pela cibercultura, é possível notar que o pioneirismo de Gibson vai além de conceber a palavra ciberespaço. Em determinado

momento da aventura de Case⁶ pelo ciberespaço, ao se deparar com grupos aos quais desconhecia, ele refletiu como “subculturas inteiras podiam surgir de um dia para o outro, sobreviverem por algumas semanas e, em seguida, desaparecerem sem rastro” (GIBSON, 2003, p. 74). Este trecho é bastante ilustrativo para entender que a cibercultura é de natureza bastante particular, e abrange toda uma diversidade de subculturas. Devido à infinidade de informações disponíveis na internet, e a volatilidade das comunidades formadas a partir do que Castells chama de laços fracos (CASTELLS, 2019), este trabalho vai focar em um segmento da cibercultura responsável pela concepção dos memes das formas que existem hoje. Formas, no plural, pois como será demonstrado adiante, a própria noção de meme foi se transmutando.

Chama atenção o fato de que conceitos como meme e viralização⁷, duas palavras fundamentais para entender a cibercultura e as redes sociais digitais, percorreram o caminho inverso do que o de ciberespaço trilhou. Surgem inicialmente na linguagem científica e são posteriormente reapropriados pelos usuários da internet. A palavra meme é apresentada por Richard Dawkins, para denominar tudo o que pode se transmitir por meio de repetição, agindo como um replicador (DAWKINS, 2017). Na concepção inicial, “exemplos de memes são melodias, ideias, *slogans*, as modas no vestuário, as maneiras de fazer potes ou de construir pontes” (DAWKINS, 2017, p. 330).

Ton Torres oferece uma definição para a nova utilização da palavra meme:

No contexto da internet, meme é uma mensagem quase sempre de tom jocoso ou irônico que pode ou não ser acompanhada por uma imagem ou vídeo e que é intensamente compartilhada por usuários nas mídias sociais (TORRES, 2016, p. 1).

Como a exposição anterior demonstra, em geral um meme procura transmitir uma mensagem de forma bem humorada. Surgiu inicialmente na década de 1990, a partir da criação de uma página chamada de *Memepool*, que sistematizava conteúdos compartilhados por usuários na internet (TORRES, 2016). Contudo, é possível afirmar que o que se entende por meme de internet hoje em dia nasce dentro de redes como o *4chan* e o Reddit.

O *4chan* é um *imageboard* lançado em 2003, e foi, por muito tempo, considerado o epicentro da cibercultura. Funciona através de fóruns, chamados de *boards*. Cada *board*

⁶ O protagonista de *Neuromancer*.

⁷ Palavra utilizada para se referir a conteúdos digitais que ganham grande repercussão em um curto espaço de tempo.

é dedicada a um tema de interesse, e o *link* de acesso, geralmente, é a inicial da palavra que nomeia o tema ao qual é destinada⁸. Além das específicas, há a *board* /b/, também conhecida como *random*, que não é atribuída a nenhuma temática em específico. Essa *board* de conteúdo aleatório é por onde passa a maior parte do conteúdo publicado no site. Talvez ela seja a maior representação do caos que pode ser o fluxo de informações na internet. Grande parte do conteúdo exibido neste espaço envolve material pornográfico, mas não é raro haver postagens de conteúdo violento, tais como racismo e transfobia. No que se refere aos memes, grande parte do que atualmente é veiculado nas redes sociais teve sua origem no site.

O Reddit é um agregador de links criado em 2005, e outra plataforma significativa para a chegada dos memes na cibercultura. O conteúdo do site reside nos *subreddits*, que são fóruns de discussão voltados a temas específicos. Os *subs*, como são conhecidos, são verdadeiras comunidades virtuais, geralmente com os conteúdos dedicados a uma temática específica. Para visualizar as discussões nos *subreddits*, o usuário não precisa de nenhum tipo de registro, mas para participar ativamente, seja comentando, votando⁹ ou publicando conteúdo, é necessária uma conta de usuário.

Apesar da influência na cibercultura, plataformas como o *Achan* e o Reddit nunca foram as dominantes no mercado, principalmente no brasileiro. Conforme será exposto a seguir, a cibercultura na internet brasileira trilhou caminhos diferentes, cujo público majoritário afasta-se de redes que priorizam o anonimato e aproxima-se de redes cujo foco está na construção de perfil do usuário.

1.3 Chegada e desenvolvimento da cibercultura no Brasil

Desde o início do desenvolvimento da tecnologia da informação no território brasileiro, a universidade pública manteve estreitas relações com a tecnologia emergente. Conforme demonstrado por Lucas Patschiki:

No Brasil, a internet chega graças a iniciativas isoladas de pesquisadores universitários pertencentes a instituições como a Fundação de Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), o Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que a partir de 1987 começaram a construir redes que os ligavam ao Bitnet

⁸ Por exemplo, a *board* sobre videogames é a /v/; sobre política, é /pol/.

⁹ Funciona como um sistema de ranqueamento dos conteúdos na plataforma. São chamados de *upvotes* e *downvotes*. Quanto mais *upvotes* tem uma publicação, mais relevante ela é dentro da plataforma, e as publicações com mais *upvotes* podem chegar a ficar na página principal do *site*, o que dá uma maior visibilidade ao *subreddit* em que ela está hospedada.

estadunidense - estes pesquisadores e instituições posteriormente irão se intitular como “pioneiros” da rede no país (no mesmo molde dos pesquisadores estadunidenses e europeus), na tentativa de assim se afirmarem como agentes competentes para atuar politicamente em todo o processo (PATSHIKI, 2011, p. 131).

A partir de 1995, a internet no Brasil expande seus limites, e o que antes era exclusividade de institutos de pesquisa e atividades para fins não-comerciais passou por uma reconfiguração, possibilitando a utilização comercial. Já em abril deste ano, havia 11 empresas no servidor experimental da Embratel (CARVALHO, 2010). Tudo isso apenas 2 anos após a liberação do uso comercial da Internet nos Estados Unidos.

Ainda segundo Lucas Patschiki (2011) esse desbloqueio do uso da internet para fins comerciais fazia parte da reorganização do capitalismo, assumindo um caráter neoliberal, apontado pelo autor como útil aos interesses do capital-imperialismo e parte de seu processo histórico de acumulação. Ideologicamente, a argumentação favorável à expansão da internet sob os moldes comerciais era de que o Brasil estava bastante atrasado com relação aos países centrais, e dessa forma, a privatização das telecomunicações manifestava-se como indispensável.

As bases para a expansão da internet e consolidação da sociedade da informação estavam lançadas. Em 1997 Tamara Benakouche afirma que "o sucesso é tanto que não tem sido possível determinar, com precisão, o número de usuários tanto no Brasil como no mundo. No país, dependendo de quem fala, as estimativas variam de 450 mil a 1 milhão" (BENAKOUCHE, 1997, p. 126).

Todavia esse fenômeno da internet no Brasil não foi inclusivo, e carregou consigo todas as desigualdades existentes no país. As classes baixas foram excluídas desse processo, uma vez que nos anos 2000 os usuários conectados representavam apenas 3% da população total, tornando o país o pior em números *per capita*, num comparativo entre as 9 maiores economias do mundo. Não apenas isso, apenas 300 dos mais de cinco mil municípios possuíam a infraestrutura necessária para conectar-se à rede (AFONSO, 2000). Aos poucos essa realidade foi modificada, e em 2020, 83% dos domicílios no Brasil possuíam acesso à internet. No entanto, persistiam as desigualdades no acesso, pois nas classes A e B as taxas de domicílio com acesso variavam entre 99% e 100%, à medida que na classe C era de 91% e nas classes D e E, 64% (CGI.br, 2021).

Conforme demonstrado por Giuseppa Spenillo, em 2013, 43% dos domicílios brasileiros possuíam acesso à internet, 61% dos brasileiros já haviam utilizado um

computador e destes, 69% utilizavam cotidianamente (SPENILLO, 2015). Outro dado apresentado por ela afirma que, em 2013:

Dos 58% que utilizavam a internet, 77% apresentaram como principal motivo participar nas redes sociais (Facebook, Google e Orkut) e 66% declararam como atividade predominante o compartilhamento de conteúdos nas redes sociais (SPENILLO, 2015, p. 97).

Dessa maneira, é possível compreender que a partir da consolidação da internet no Brasil e a ampliação das possibilidades de acesso, as redes sociais digitais passaram a ganhar cada vez mais espaço e relevância na cibercultura, sobretudo entre os usuários brasileiros. Uma dessas redes sociais foi o Orkut, site criado por Orkut Buyukkokten. Desde sua chegada ao Brasil, a plataforma experimentou ampla popularidade, medida em níveis de acesso. Conforme apontado por Alan Mocellim:

Em março de 2007, já contava com cerca de 40 milhões. Sendo 60% de usuários cadastrados de nacionalidade brasileira. É difícil compreender os motivos de tamanho sucesso, principalmente no Brasil, onde o uso da Internet pela população em geral, é algo ainda muito recente (MOCELLIM, 2007, pp. 103-104).

Surgindo na mesma época que plataformas como Reddit e 4chan, o Orkut se distinguiu destas por possuir uma lógica de funcionamento completamente diferente. Enquanto os usuários nas outras redes objetivavam uma certa despersonalização¹⁰, no Orkut o usuário conseguia expor uma identidade autoconstruída, e mostrava no site uma versão de si mesmo que queria que fosse vista pelos outros. (MOCELLIM, 2007). Essa identidade era construída dentro do site sob a forma de perfis. A lógica de comunidade no Orkut se dava da seguinte maneira: ao criar seu perfil, o usuário adicionava à sua lista de amigos na plataforma os perfis das pessoas que já conhecia (ou desejava conhecer). Caso a solicitação fosse aceita, os usuários tinham acesso a lista de amigos um do outro, além de poder deixar recados em um mural virtual no perfil do amigo. Dessa forma, as redes de amizade iam se retroalimentando.

Assim sendo, esse novo modelo de comunidade virtual pode ser um fator que consiga explicar o sucesso, mas também a derrocada do Orkut no Brasil. Sob o mesmo ponto de vista, tal modelo encontra-se presente no próprio processo de consolidação da reestruturação do capitalismo, culminando no que anteriormente foi apresentado como capitalismo digital. Em análises sobre o avanço das tecnologias digitais, autores como Nick Couldry e Ulises Mejias desenvolveram o conceito de colonialismo de dados:

¹⁰ Seja completa, como no caso dos “anons” do 4chan, seja relativa, como no Reddit.

No texto “Data colonialism: Rethinking Big Data’s Relation to the Contemporary Subject”, eles ressaltam que o uso da palavra *colonialismo*, nesse caso, não é mera metáfora, mas realmente uma nova forma de colonialismo diferente da que vimos nos séculos anteriores. O colonialismo de dados combinaria as mesmas práticas predatórias do colonialismo histórico com a quantificação abstrata de métodos computacionais. Trata-se de um novo tipo de apropriação no qual as pessoas ou as coisas passam a fazer parte de infraestruturas de conexão informacionais. A apropriação da vida humana (por meio da captura em massa de dados) passa a ser central. Nada deve ser excluído nem apagado. Nenhum dado pode ser perdido (CASSINO, 2021, p. 27).

O Google, empresa detentora do Orkut, é uma das companhias que capitanearam essa reorganização capitalista e o advento do colonialismo de dados. Na década de 2000, durante o auge do Orkut, o Google já se consolidava como a principal ferramenta de busca, mesma época em que se apoderou de sites como o Orkut e o YouTube, um site emergente, que se tornou a maior plataforma de compartilhamento de vídeos. Gradativamente o Orkut foi substituído por aplicativos como o Facebook e o Twitter, que experimentavam uma crescente escalada em países como o Brasil e os Estados Unidos. Junto a isso, emergia nas redes um novo modelo de negócios, baseado em venda de anúncio e impulsionamento de conteúdo (CASSINO, 2021), que colocou essas big techs¹¹ entre os empreendimentos mais valiosos do mundo. Como levantado por Morozov, “tal como o Vale do Silício, cujo futuro só existe sob o capitalismo contemporâneo, também o capitalismo só tem futuro à sombra do Vale do Silício” (MOROZOV, 2019, p. 26).

1.4 As redes sociais digitais hoje

Se o século XX, como anteriormente defendido, trouxe a revolução da tecnologia da informação, o século XXI trouxe a revolução das redes. Conforme definido por Mance:

A ideia de redes é bastante simples. Trata-se de uma articulação entre diversas unidades que, através de certas ligações, trocam elementos entre si, fortalecendo-se reciprocamente, e que podem se multiplicar em novas unidades, as quais por sua vez, fortalecem todo o conjunto na medida em que são fortalecidas por ele, permitindo-lhe expandir-se em novas unidades ou manter-se em equilíbrio sustentável. Cada nóculo da rede representa uma unidade e cada fio um canal por onde essas unidades se articulam através de diversos fluxos (MANCE, 1999, p. 24).

Essa revolução, ainda segundo o autor, reorganizou a produção capitalista, uma vez que o desenvolvimento científico passou a ocupar a centralidade no processo

¹¹ Termo atribuído às grandes companhias dominantes da internet. Em geral se refere à Alphabet (detentora do Google), a Amazon, a Apple, Meta (que possui plataformas como o Facebook) e a Microsoft.

produtivo, substituindo o “trabalho produtivo imediato” (MANCE, 1999). Esse argumento encontra limitações por não entender aspectos do desenvolvimento científico, a exemplo do desenvolvimento de softwares, como um trabalho produtivo. Desta forma de trabalho surge o que alguns autores nomeiam de “fábricas de *softwares*” (BRAGA, 2009).

Estas fábricas, organizadas ao redor das tecnologias de informação, engendraram as mercadorias mais valiosas da sociedade da informação: os dados e os algoritmos.

De forma resumida, um algoritmo é “um conjunto de etapas para executar uma tarefa” (CORMEN, 2014, p. 1). Consequentemente é um conceito que precede a computação. Escovar os dentes, atravessar a rua, escrever um texto, todas essas tarefas possuem algoritmos, uma vez que todas essas tarefas possuem algumas formas para serem feitas. No entanto, computadores possuem processamento binários, por isso os algoritmos computacionais só funcionam se receberem ordens detalhadamente. Conforme ilustrado por Cormen “[...] um algoritmo de computador é um conjunto de etapas para executar uma tarefa descrita com precisão suficiente para que um computador possa executá-la” (CORMEN, 2014, p. 2)

No aspecto computacional, dados “[...] são fatos que podem ser gravados e possuem algum significado para o negócio de quem os gravou” (SARMENTO, 2019, p. 8). Ou seja, podem ser entendidos como informações utilizáveis. Esses dados podem ser relacionados entre si, e o agrupamento entre dados relacionados é chamado de Banco de Dados. Em pesquisa social, dados são informações que um sujeito social deu à sociedade, por meio de sua ação. Por analogia, dados não estão dados¹².

A partir dessa definição de dados, o Google coloca como missão “organizar as informações disponíveis do mundo e torná-las acessíveis e úteis para todas as pessoas”. Morozov (2020), afirma que essa missão deve ser interpretada como “monetizar toda a informação do mundo e torná-la universalmente inacessível e lucrativa” (MOROZOV, 2020, p. 28). Posto que os algoritmos são os mecanismos responsáveis pela busca, organização e armazenamento de tais informações, a relação entre algoritmos e bancos

¹² Esta frase ocasionalmente é replicada em comunidades virtuais dedicadas à discussão de temáticas voltadas à computação. Nestes espaços ela é pronunciada em forma de piada, partindo do pressuposto de que, por vezes, há uma incompreensão sobre o que seriam dados.

de dados possui um enorme potencial lucrativo, uma vez que o principal modelo de negócios da chamada web 2.0¹³ é a publicidade (MOROZOV, 2020).

A Web 2.0 alargou a possibilidade de interação entre os usuários, oportunizando que modelos de negócios como o das redes sociais digitais pudessem aflorar. Segundo Juan Faerman (2011), as redes sociais digitais crescem devido a propensão humana de seguir tendências. Tal perspectiva é ilustrada pela célebre frase “coma merda. Milhões de moscas não podem estar enganadas” (FAERMAN, 2011, p. 13).

Por muito tempo, o Facebook foi o grande expoente dessa Web 2.0 e do modelo de redes sociais digitais em si. Criado em 2004 por Mark Zuckerberg, foi inicialmente planejado para ser uma ferramenta de socialização entre estudantes da Universidade de Harvard, e expandiu seu objetivo inicial ao permitir que qualquer pessoa pudesse registrar-se como usuário da plataforma, bastando possuir um endereço de email (FAERMAN, 2011). No estudo de Faerman, que identifica o Facebook como um fenômeno de massas, são apresentadas algumas das ressignificações ocasionadas pela rede social¹⁴. O conceito de amizade no Facebook pode ser dirigido a usuários que efetivamente não se conhecem e têm a possibilidade de jamais interagir entre si, mas se ambos se adicionam à lista de amigos, amigos o são. Outro exemplo de ressignificação é representado pelo botão “curtir”, com a proposta de demonstrar que o usuário gostou de determinada publicação. Tal ferramenta funciona, na rede, como um validador social, pois a partir dela você expressa seus gostos.

Em conversa com David Sumpter, Angela Grammatas¹⁵ afirmou que “O Google é relativamente benigno, mas o poder do botão ‘curtir’ do Facebook para selecionar anúncios é assustador. Sua ‘curtida’ fornece bastante insight sobre quem é você” (SUMPTER, 2019, p. 11). Ela alega que o Facebook é o site que mais sabe a nosso respeito, que melhor conhece seu usuário (SUMPTER, 2019). Conforme anunciado em Junho de 2017, o site atingiu a marca de 2 bilhões de usuários registrados (G1, 2017). Ou seja, estava em posse de dados massivos de 2 bilhões de pessoas ao redor do mundo. Tal informação atraiu a atenção de alguns atores políticos que encontraram nestas redes um

¹³ Conceito desenvolvido na O’Reilly Media para denominar uma segunda geração da Web. Uma de suas principais características é o desenvolvimento de softwares que vão se aperfeiçoando conforme utilizado pelos usuários (O’REILLY, 2005).

¹⁴ Que, ainda segundo Faerman (2011), de social tem pouco.

¹⁵ Programadora responsável pelo software Noiszy, um plug-in de navegador que trafega por sites aleatórios enquanto o usuário navega na internet, buscando gerar ruído e confundir os algoritmos coletores de dados (SUMPTER, 2019).

campo para recrutar simpatizantes. Contudo, antes de prosseguir a reflexão acerca da utilização política das redes, julgo importante apresentar outra rede, o Twitter.

Criado em 2006, o Twitter, segundo Faerman (2011), é pouco mais do que uma versão do Facebook levada à mínima expressão, uma “rede social simplificada, como se tivesse encolhido” (FAERMAN, 2011, p. 46). Isso porque o site funciona num sistema de microblog, onde os conteúdos publicados possuem um limite de 280 caracteres (inicialmente eram 140). Chama atenção o fato de que, apesar de não ser a plataforma de rede social mais utilizada no Brasil, é um dos principais meios de comunicação entre autoridades políticas e a população. No Twitter, os assuntos mais comentados são conhecidos como Trending Topics e são destacados na plataforma, ranqueados por nível de engajamento. Em geral são campanhas realizadas por usuários relevantes na plataforma, organizando-se em torno de *hashtags*, que são mensagens indexadas sobre um determinado tópico, apresentado junto ao símbolo de cerquilha (#).

Um exemplo do poder comunicativo presente nas *hashtags*, está ilustrado no que ficou conhecido como “o caso *#gamergate*”, que se apresentou como uma denúncia acerca da corrupção existente na indústria de games¹⁶. Entretanto, já em sua gênese, a movimentação apresenta um caráter misógino, uma vez que nasce a partir da acusação de que Zoe Quinn, a *game designer* do jogo *Depression Quest*¹⁷, manteve relações sexuais com críticos especializados em jogos digitais para receber notas positivas acerca de seu jogo (GOULART E NARDI, 2017). Realizada por Eron Gijoni em texto escrito ao término de seu relacionamento com Quinn, a queixa demonstrou-se um embuste. No entanto, a exposição foi imediatamente aceita pelos setores mais radicalizados do universo *gamer*¹⁸, que entenderam essa situação como parte de uma conspiração que buscava destruir a cultura *gamer*. Dessa maneira, direcionaram ataques¹⁹ misóginos a diversas expoentes femininas da indústria de jogos (GOULART E NARDI, 2017).

¹⁶ Nomenclatura dada ao mercado de jogos eletrônicos. Envolve desde os estúdios que desenvolvem os jogos eletrônicos até as produtoras de jornalismo de jogos, seja por meio de revistas especializadas, seja em meios não-convencionais, como canais de YouTube. Em 2019, segundo levantamento da TechNET Immersive (2020), estava avaliada em US\$ 152 bilhões.

¹⁷ Um jogo grátis bastante aclamado pela crítica. Baseado em texto, é descrito em sua própria página na internet como “um jogo de (não) ficção interativo sobre a vida com depressão”. Faz parte de uma cena de jogos independentes que repensam o estereótipo de jogadores, jogos e personagens, e inserem mulheres, LGBT+ e outras questões na indústria, tanto por meio dos jogos, quanto em debates além jogo, como na produção, etc.

¹⁸ Identidade assumida por alguns fãs de jogos eletrônicos.

¹⁹ Ataques como ameaças de morte, estupro e *doxxing*, como é conhecido a prática de divulgar dados privados de determinada pessoa.

Foi no caso *#gamergate* que Steve Bannon, principal articulador da campanha de Donald Trump nas eleições estadunidenses de 2016, conseguiu pôr em prática uma técnica identificada por Benjamin Teitelbaum (2020) como metapolítica, o tipo de ativismo apoiado por Bannon. Segundo Teitelbaum “a estratégia envolve fazer campanha não por meio da política, mas por meio da cultura - das artes, do entretenimento, do intelectualismo, da religião e da educação” (TEITELBAUM, 2020, p 101). Ele ainda aponta que:

(...) as campanhas metapolíticas em geral assumem uma destas duas formas: ativistas buscam injetar suas mensagens em canais já existentes ou procuram criar canais alternativos próprios para competir com os da ideologia dominante. É a diferença entre editar artigos da Wikipédia e criar uma enciclopédia *online* alternativa; entre infiltrar-se em uma subcultura jovem e começar um novo movimento seu; entre alterar o currículo da educação pública e fundar uma escola privada totalmente dedicada à sua causa. A primeira abordagem tenta cultivar solidariedade política entre a população em geral, com ênfase no alcance da mensagem. A segunda propõe-se a formar uma sociedade paralela dentro de uma dada sociedade, grande e radical o suficiente para lutar pelo poder. (TEITELBAUM, 2021, p. 102).

Bannon já tinha certo contato com o mundo *gamer* por meio de sua empresa, a Internet Gaming Entertainment²⁰. O setor de mercado ao qual este empreendimento fazia parte provocou a ira dos jogadores de World of Warcraft. Tais jogadores sentiam-se lesados, pois enxergavam este negócio como uma forma de trapaça, e organizaram protestos virtuais para que a Blizzard²¹ suspendesse as contas dos usuários envolvidos nesse tipo de transação. Tal mobilização apresentou a Bannon uma realidade em que milhões de jovens dedicam horas por dia a atividades online e que, caso sintam a necessidade, são capazes de grandes movimentações no ciberespaço (EMPOLI, 2020).

Na prática, o *#gamergate* demonstrou a capacidade de agitação das “comunidades antagônicas online” (MULHALL, 2022). Joe Mulhall define esta forma de comunidade virtual como:

[...] grupos reacionários online construídos em torno de vários interesses, mas que assumem um comportamento antagônico (seja por meio de criação de simbolismo ofensivo ou apenas expressão de ódio e desprezo) (MULHALL, 2022, p. 178).

²⁰ Empresa cujo modelo de negócios baseava-se em empregar jovens para ganhar prêmios virtuais que eram revendidos para outros jogadores, que compravam os itens com dinheiro real (EMPOLI, 2020).

²¹ A empresa desenvolvedora do jogo World of Warcraft.

Há, portanto, uma mentalidade baseada no comportamento antagônico que é parte essencial das formas de atuação de determinados setores da cibercultura, reunidos no já apresentado *Achan* e em alguns *subreddits*. Contudo, ao contrário do que se possa imaginar, os *trolls* digitais também atuam em locais de grande movimentação, neste caso nas redes sociais digitais de massa como o Twitter e o Facebook, e o *#gamergate* é um exemplo, uma vez que “entre setembro e outubro de 2014 são criados, só no Twitter, mais de 2 milhões de mensagens contendo a hashtag *#gamergate*” (EMPOLI, 2019, p. 62). E vale lembrar que muitas destas mensagens foram verdadeiros ataques de ódio, contendo graves ameaças.

Estes acontecimentos levantam o debate acerca do papel da pós-verdade nesses espaços. Patricia Blanco define pós-verdade como:

Em inglês, *post-truth* quer dizer a preponderância das crenças e ideologias sobre a objetividade dos fatos. Nada mais atual e desafiador. Explicando melhor, pós-verdade em certas circunstâncias - uma eleição com forte polarização ou uma situação limite como a dos refugiados na Europa - significa que a opinião pública pode ser moldada mais pelos apelos emocionais ou pelas convicções de cada um do que pela consistência dos fatos. Com isso, tende a ruir, ou no mínimo ser posto em cheque, o conceito da objetividade dos fatos, pilar essencial do jornalismo profissional desde o alvorecer do século passado (BLANCO, 2017, n.p).

Em concordância, Charles Feitosa (2017) argumenta que a pós-verdade, também conhecidas como *fake news*²², é característica de tempos onde:

[...] todos se sentem no direito de dizer qualquer coisa, seja nos discursos políticos ou nas redes sociais, embasados em dados fictícios ou não, mas garantidos pela crença tácita de que “tudo vale” e pela recepção acrítica da maioria dos tele-espectadores e internautas” (FEITOSA, 2017, n.p).

Em síntese, as redes sociais digitais estão no bojo de um amplo processo de reorganização social. E a partir da demonstração de que determinados atores políticos entenderam a capacidade de comunicação presente nas redes sociais digitais, o próximo tópico dedica-se a apresentar alguns desses sujeitos políticos e sua relação com os memes nas plataformas digitais.

1.5 Memeficação da política

“Uma manhã, quando Gregor Samsa acordava de sonhos ansiosos, descobriu que, em sua cama, havia se transformado em um monstruoso inseto verminoso” (KAFKA,

²² São as chamadas notícias falsas. Na linguagem popular utilizada nas redes sociais digitais este termo é mais presente do que o de pós-verdade.

2017, p. 7). Estas são as palavras iniciais de *A Metamorfose*, história escrita por Franz Kafka. A hipótese principal do presente trabalho é a de que, tal qual Gregor Samsa metamorfoseou-se em um inseto, alguns setores da chamada “nova direita” brasileira transmutaram-se entre política e meme, gerando um processo de memeficação da política.

Tal hipótese surge em diálogo com as formulações de Theodor Adorno acerca de uma direita radical emergente na Alemanha na década de 1960. O autor identifica a perfeição no manejo das técnicas de propaganda de sua época como uma característica desse movimento (ADORNO, 2020). No entanto, essa característica não é exclusiva dos setores radicais de direita estudados por Adorno, mas do próprio radicalismo de direita em si. Ilustrado por ele:

A propaganda é genial, sobretudo pelo fato de que nesses partidos e movimentos, ela nivela a diferença, a diferença inquestionável entre os interesses reais e os falsos objetivos simulados. Assim como outrora com os nazistas, a propaganda é realmente a substância mesma da coisa. Se os meios são substituídos pelos fins em uma medida crescente, então pode-se quase dizer que, nesses movimentos de direita radical, a propaganda constitui, por sua vez, a substância da política. E não é nenhum acaso que os assim chamados líderes [Führer] do nacional-socialismo alemão, Hitler e Goebbels, eram justamente, em primeiro lugar, propagandistas; e a produtividade e a fantasia deles entrou na propaganda (ADORNO, 2020, pp. 54-55).

Por hora, é importante discorrer sobre o que seria essa “nova direita”. E para isso, é fundamental ter em mente que, dada a complexidade do tema, há uma infinidade de interpretações sobre esse mesmo objeto, e de maneira alguma este trabalho consegue abarcar toda essa diversidade de perspectivas. Porém, dentre essa variedade de leituras sobre o tema, há alguns pontos de convergência. Antônio Rubim aponta que:

(...) o caráter marcadamente antidemocrático do capitalismo tardio, em seu estágio globalizado e neoliberal, pode ser contraditado, em especial, pela emergência de questões sociais e novos atores políticos (RUBIM, 2000, pp. 84-85).

Ele ainda apresenta alguns movimentos políticos que buscam, a partir da internet, potencializar suas lutas e dar uma visibilidade global a lutas enraizadas em identidades locais, a exemplo dos neo-zapatistas por meio do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), a “primeira guerrilha informacional”.

No entanto, com o avanço da sociedade da informação, “vivemos num mundo que vem encolhendo e estamos conectados como nunca antes” (MULHALL, 2022, p. 25). Dessa maneira, “o ódio se globalizou” (ibidem, p. 15), e os radicalismos de direita

encontraram nas já apresentadas “comunidades antagônicas online” um solo fértil para catapultar-se ao protagonismo político em países como o Brasil.

Portanto, a opção adotada neste trabalho é a leitura que enxerga que, no Brasil, “nova direita” é um termo que abrange em seu cerne grupos políticos heterogêneos, alguns dos quais estão “(...) mais próximos à extremidade direita no espectro político” (MIGUEL, 2018, p. 18). Dentre estes grupos destacam-se aqueles reunidos em torno do neoconservadorismo, definido por Sílvio Luis de Almeida (2018) como uma corrente política manifestada na década de 1960, que enxerga que as crises decorrentes do Estado de bem-estar social foram responsáveis por uma degradação moral da sociedade ocidental. Ele ainda demonstra que:

(...) a pauta neoconservadora é basicamente a de restauração da autoridade da lei, do restabelecimento da ordem e da implantação de um Estado mínimo que não embarace a liberdade individual e a livre iniciativa (ALMEIDA, 2018 p. 28).

Essa perspectiva dialoga com elementos presentes na exposição de Adorno (2020), que afirma que é parte constitutiva do radicalismo de direita promover uma sensação de catástrofe iminente, e assim, apresentar-se como a solução para evitar essa decadência social.

Este diálogo demonstra sua utilidade para compreender alguns aspectos norteadores da nova direita brasileira. Não obstante, conforme apontado por Luis Felipe Miguel (2018), é possível identificar a extrema-direita brasileira a partir de três vertentes: o libertarianismo, o fundamentalismo religioso e o anticomunismo. Dessa maneira, é permissível classificar como extremistas determinados setores desta nova direita eleitos a cargos públicos, principalmente nas eleições de 2018. Entre esses setores, destaca-se a figura de Jair Bolsonaro como polo aglutinador e figura central dessa movimentação extremista.

Alguns autores como Armando Boito (2020), denominam o movimento de apoio ao então presidente Jair Bolsonaro como bolsonarismo, nomenclatura que doravante será adotada para se referir ao movimento de apoio e ao governo. Ele ainda classifica o bolsonarismo como uma movimentação neofascista. Esta visão dialoga com o ponto de vista adotado no estudo de Leandro Pereira Gonçalves e Odilon Caldeira Neto (2020) sobre o Integralismo, expressão histórica da extrema-direita brasileira inspirada no fascismo italiano. Eles afirmam que, com a ascensão do bolsonarismo, a extrema direita brasileira agora estava no poder. Eles demonstram que:

Alguns traços unem o governo Bolsonaro e o fascismo histórico: o conservadorismo, o anticomunismo, o uso das teorias de conspirações e a visão de mundo baseada na diferenciação entre amigos e inimigos (GONÇALVES e NETO, 2020, p. 194).

Os pontos elencados auxiliam a entender o protagonismo de setores neoconservadores nas eleições brasileiras de 2018. No programa de governo do então candidato Jair Bolsonaro encontram-se elementos que corroboram essa tese, conforme pode ser ilustrado pela seguinte figura:

Figura 1 - Neoconservadorismo e teorias de conspiração no plano de governo



Fonte: captura de tela, 2022

Diante desse cenário, o que aqui é chamado de memeficação da política pode ser entendido como um populismo para a era digital, onde a comunicação política foi adaptada para a lógica de funcionamento das redes. Dessa maneira, devido à dinâmica desses espaços, a mensagem transmitida é cada vez mais direta, e o maior compromisso é com o engajamento. Essa tática é eficiente graças à própria capacidade que os memes possuem de amplificar um discurso por meio da viralização. Caso haja uma reação negativa, possibilita a defesa sob a justificativa de ser apenas um meme. Como resultado, qualquer crítica direcionada a esse discurso é vista como tentativa de censura ou de cancelamento²³.

Em seguida serão apresentados alguns desses espaços de interação entre diferentes atores políticos do bolsonarismo. No âmbito da pesquisa, foram analisados alguns perfis de figuras públicas no Twitter, assim como o *subreddit* /r/brasillivre. Além disso, será exposto uma breve discussão conceitual acerca das metodologias de observação e análise de discurso, que foram os métodos utilizados.

²³ Por vezes referido como “cultura do cancelamento”, pode ser entendido como um boicote a pessoas ou grupos que possuem alguma opinião controversa ou preconceituosa sobre determinado assunto.

2. ABORDAGEM METODOLÓGICA E CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS INVESTIGADOS

Neste capítulo, apresentamos os métodos utilizados na pesquisa, o período e o campo da investigação, bem como os sujeitos investigados.

2.1 Métodos utilizados

Esta pesquisa foi realizada com utilização de métodos qualitativos. De acordo com Angela Afonso, os métodos qualitativos visam “(...) entender a lógica de processos e estruturas sociais, a partir de análises em profundidade de um ou poucos casos particulares” (AFONSO, 2016 p. 8). Como os usuários das redes digitais são atores sociais que dão a essas redes um alto nível de dinamicidade, uma abordagem qualitativa demonstra-se melhor apropriada para entender a problemática proposta por este trabalho, uma vez que ela “lida com interpretações das realidades sociais” (BAUER e GASKELL, 2008, p. 23).

Dentre as ferramentas fornecidas pelos métodos qualitativos, a observação apresenta-se como uma poderosa técnica para a coleta de dados acerca das dinâmicas da vida em sociedade e, por extensão, da vida nos espaços virtuais criados pelas sociedades atuais. Assim sendo, a observação simples foi o principal recurso para a obtenção dos dados obtidos na construção desse trabalho. De acordo com Gil:

Por observação simples entende-se aquela em que o pesquisador, permanecendo alheio à comunidade, grupo ou situação que pretende estudar, observa de maneira espontânea os fatos que aí ocorrem. Neste procedimento, o pesquisador é muito mais um espectador que um ator. (GIL, 2007, p. 111).

Gil ainda aponta que a observação simples “facilita a obtenção de dados sem produzir querelas ou suspeitas nos membros das comunidades, grupos ou instituições que estão sendo estudadas” (GIL, 2007, p. 112). Além disso, é apontado que por vezes a observação pode ter sua cientificidade questionada, mas este procedimento não é uma simples contestação dos fatos, existe um controle na obtenção dos dados, além do mais, posterior a fase de coleta há um processo de análise e interpretação dos dados (GIL, 2007). E, para essa finalidade, foi empregada a análise dos discursos presentes nos memes utilizados por setores da nova direita brasileira em determinados espaços virtuais.

Antonio Chizzotti aponta que:

Para a teoria da comunicação, o conteúdo de qualquer comunicação pode ser analisado, considerando-se o emissor, o receptor, a mensagem e o meio ou

canal usado para comunicar a mensagem. A fonte da comunicação é o emissor ou produtor que, utilizando um meio de comunicação, produz e emite o conteúdo de uma mensagem, supondo um receptor, a quem se dirige sua mensagem. A comunicação está traduzida em um documento. Um documento pode ser, deste modo, toda e qualquer informação visual, oral, sonora, eletrônica que esteja gravada ou transcrita em um suporte material: papel, filme, pedra ou qualquer outro material. (CHIZZOTTI, 2011, p. 114).

Para Chizzotti, portanto, o discurso não tem um significado único. O autor indica que “em pesquisa, é análise de um conjunto de ideias, um modo de pensar ou um corpo de conhecimentos expressos em uma comunicação textual ou verbal, que o pesquisador pode identificar quando analisa um texto ou fala” (CHIZZOTTI, 2011, p. 120). Ele ainda estabelece que há algumas correntes teóricas pelas quais a análise do discurso é possível. Dentre elas, foi escolhida a análise do discurso sob a perspectiva crítica, em que as informações:

(...) podem ser condensadas em algumas proposições: todo pensamento é fundamentalmente mediado por relações de poder que são social e historicamente constituídas; os fatos nunca estão isolados do domínio dos valores ou separados de alguma forma de inscrição ideológica; a relação entre o conceito e o objeto, entre o significante e o significado nunca é estável ou fixa, sempre mediadas por relações sociais de produção e consumo capitalista; a linguagem é central na formação da subjetividade, seja consciente ou inconscientemente; certos grupos, em qualquer sociedade, são privilegiados em relação a outros” (CHIZZOTTI, 2011, pp. 127-128).

Eni Orlandi, por sua vez, argumenta que a análise do discurso “(...) articula de modo particular conhecimentos do campo das Ciências Sociais e do domínio da Linguística” (ORLANDI, 2015, p. 14). Essa articulação possibilita que seja trabalhada a relação “língua-discurso-ideologia” (ibidem, p. 15), pois, segundo a autora, a análise do discurso reflete “(...) sobre a maneira como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua” (ibidem, pp. 14-15). Dessa maneira a análise do discurso não é apenas uma interpretação da mensagem, mas:

A análise do discurso visa fazer compreender como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos do domínio simbólico, pois eles intervêm no real do sentido. A análise do discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte dos processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma “chave” de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender (ORLANDI, 2015, p. 25)

Orlandi aponta ainda que na construção desses sentidos, a ideologia cumpre um papel determinante. A autora afirma que “podemos começar por dizer que a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer” (ORLANDI, 2015, p. 44).

Por esse motivo, a pesquisa buscou compreender a articulação existente entre a ideologia da nova direita e os setores da cibercultura dedicados à produção e popularização de memes, partindo do princípio de que, por meio dos memes, são expressados ideais neoconservadores. E que a partir dessa simbiose, setores da nova direita conseguiram protagonismo político. Portanto, a construção do *corpus* da pesquisa se deu em ambiente virtual, justificado pela importância dada à internet por esses mesmos atores da nova direita na propagação de sua ideologia.

2.2 Apresentação dos sujeitos: nova direita e espaços de atuação na internet

Conforme já indicado na Introdução, este estudo tem como objetivo responder à seguinte pergunta: é possível afirmar que a chamada nova direita brasileira utiliza o potencial de comunicação dos memes de internet para veicular suas ideias entre o grande público que circula nas redes digitais?

Ao longo do subcapítulo 2.5 buscou-se, em diálogo com diferentes autores, demonstrar o que é entendido como nova direita. A partir dessa conceituação, definiu-se Jair Bolsonaro como a figura central no levante da nova direita no Brasil, uma vez que ele chegou ao cargo público mais importante do país em 2018, quando venceu as eleições presidenciais.

Juan Faerman argumenta que “estamos a viver tempos muito modernos, amigo. Tempos muito excitantes, muito divertidos, muito tecnológicos, com muito Facebook *mobile for Iphone*, muito Twitter, muito blogue e muito “*What are you doing right now?*” (FAERMAN, 2011, p. 76). Este trecho é bastante ilustrativo para entender o exercício da política na atual sociedade em redes, para usar a nomenclatura de Castells (2019). Ainda segundo Faerman (2011), a responsabilidade que há em publicar algum conteúdo na internet, mesmo que seja um tweet aparentemente desprezível, é a mesma de se publicar um conteúdo em uma mídia considerada mais tradicional, a exemplo de revistas ou jornais.

Por esse motivo, a investigação aqui apresentada buscou, a partir do diálogo com os conceitos de cultura da virtualidade real e de metapolítica, observar os memes veiculados por atores da nova direita brasileira. Se considerarmos, assim como sugerido por Faerman, que as publicações em espaços virtuais carregam consigo a responsabilidade pelo publicado, é tarefa das Ciências Sociais interpretar o que significa publicar memes como discursos políticos. Para isso, a escolha metodológica adotada foi a de observar o *subreddit* /r/brasilivre e dez perfis no Twitter formando assim o corpus de análise.

O /r/brasilivre é uma dentre as tantas comunidades brasileiras no Reddit. Criada em 2014, atualmente possui mais de 195 mil membros. Segundo a descrição da comunidade na plataforma²⁴, tem a proposta de ser um "*subreddit* brasileiro livre de qualquer tipo de censura". Esse ponto de vista é adotado para servir de contraste com outro *subreddit* brasileiro, o /r/brasil, cuja moderação adota uma postura mais progressista, e que preza pelo respeito às minorias visando uma comunidade mais acolhedora²⁵.

Desse modo, o /r/brasilivre mantém uma postura parecida com determinados *subreddits* estadunidenses, presentes em estudo realizado por Alanis Silva Ferreira (2020). Esses *subreddits* são, conforme a pesquisadora, importantes espaços da chamada *alt-right*. Joe Mulhall (2022) aponta que:

Resumindo, a *alt-right* é um agrupamento antiglobalista de extrema direita que oferece uma “alternativa radical para o conservadorismo tradicional e o *establishment*. É uma hidra com muitas cabeças, um movimento político amorfo e sobretudo online composto de uma vasta gama de blogs, vlogs, sites e podcasts sem um líder único e apenas poucas organizações offline importantes, sendo que nenhuma delas controla totalmente a direção do movimento” (MULHALL, 2022, p. 175).

Em conformidade com essa proposta, a pesquisa de Alanis Silva Ferreira (2020) demonstra que a *alt-right* é parte do movimento supremacista branco dos Estados Unidos, e que conseguiu levar pautas do movimento para o debate público. Ela ainda ressalta que os memes, entendido como “facilmente compartilhável” possui papel central na popularização da *alt-right*, e que os principais locais de concentração de usuários ideologicamente alinhados à *alt-right* na internet são o Reddit²⁶ e o *4chan*. Cabe destacar

²⁴ Disponível no endereço eletrônico do *subreddit*: <https://www.reddit.com/r/brasilivre>.

²⁵ Presentes nas regras de utilização da comunidade, disponível em: <https://www.reddit.com/r/brasil/>

²⁶ Em sua pesquisa ela focou nos extintos *subreddits* r/rThe_Donald e o /r/DebateAltRight.

que o principal elo entre os *subreddits* analisados por Alanis Ferreira e o /r/brasillivre é o uso de *dog whistles*²⁷, principalmente do *clown world*²⁸.

Enquanto o Reddit possui esta lógica particular de socialização, o Twitter chama a atenção por ser utilizado como meio de comunicação por autoridades públicas. Assim, o Twitter confere um selo de verificação a usuários que possuem um perfil de interesse público. Ter o selo significa que o Twitter garante a autenticidade da conta, o que em tese oferece uma confiança com relação às informações divulgadas por ela. Por esse motivo, dentre as contas observadas na pesquisa, a intenção foi priorizar as que possuíam o selo de verificação. No entanto, esse não foi o único critério adotado. Outros requisitos foram: ser seguido pela conta oficial de Jair Bolsonaro; possuir mais de 10 mil seguidores na plataforma; ser menos um perfil pessoal e mais um perfil “informativo”. O quadro abaixo lista as contas que foram observadas:

Username	Seguidores	Verificado	Data de acesso
@brasilparalelo	436.062	Não	15/09/2022
@brazilfight	317.612	Não	15/09/2022
@CarlosBolsonaro	2.684.307	Sim	15/09/2022
@Damadeferroofic	604.852	Não	15/09/2022
@folha_sp	230.270	Não	15/09/2022
@jairbolsonaro	8.894.838	Sim	15/09/2022
@JoaquinTeixeira	348.151	Não	15/09/2022
@kimpaim	787.012	Não	15/09/2022
@omachoalpha	64.928	Não	15/09/2022
@taoquei1	1.336.524	Sim	15/09/2022

²⁷ Mensagens presentes em discursos que visam ser entendidas apenas por um público específico.

²⁸ Refere-se a ideia de que a sociedade possui um alto nível de degeneração, de forma que o mundo apresenta-se como um grotesco show de horrores (FERREIRA, 2020).

No entanto, vale destacar que a mentira na política não é um fenômeno novo, nem exclusivo da política transmitida pelas redes online. Contudo, a proliferação de informações falsas é um tema de preocupação nas plataformas digitais, que criam mecanismos para reduzir o impacto de conteúdo falso. Estes mecanismos podem ser desde avisos de que o conteúdo é potencialmente falso até o extremo de suspensão da conta.

A medida de suspensão anteriormente citada foi aplicada a Donald Trump. O Twitter alegou que o motivo foi a “glorificação da violência” (SOUZA, 2021). Tal atitude foi tomada após o ataque de apoiadores do ex-presidente ao Congresso estadunidense, em janeiro de 2021. No Twitter, Trump questionava a legitimidade da eleição e incitou seus apoiadores a comparecerem ao Capitólio, sede do Congresso estadunidense e protestarem contra a realização da contagem de votos (G1, 2021).

Para driblar essas restrições, foram criadas algumas redes sociais digitais alternativas. Por exemplo, após a exclusão do perfil de Donald Trump do Twitter, foi criado o Gab, apontado por Alanis Ferreira (2020) como uma rede social criada especificamente para usuários de extrema direita, mas que tem um baixo nível de engajamento. Também há outras redes, como o Gettr²⁹ e aplicativos de mensagens instantâneas, tais como o Telegram³⁰ e o Whatsapp³¹. Isso sem contar outros *chans*³² e sites da *deep web*³³. As plataformas virtuais de rede social são bastante utilizadas por setores do bolsonarismo. A escolha metodológica de não as abordar na pesquisa foi a de, por parte do Gettr, o baixo nível de engajamento, e pelos aplicativos tais como Telegram e Whatsapp, a dificuldade de ingressar nos grupos, principalmente por parte do Whatsapp, uma vez que são privados.

Essa galáxia de redes é bastante complexa, de modo que a exposição feita trata-se apenas de uma aproximação a esse vasto cenário de atuações online. Como já foi evidenciado anteriormente, a pesquisa foi realizada a partir de observações empreendidas

²⁹ Criado por Jason Miller, ex-assessor de Donald Trump. Tem o Brasil como uma de suas principais bases de usuários. O perfil de Jair Bolsonaro está entre os 10 mais seguidos da plataforma. (BBC, 2022).

³⁰ Aplicativo de mensagens instantâneas russo, também criado por Pavel Durov.

³¹ Serviço de mensagens do grupo META, dominante no mercado brasileiro, presente em 92% dos aparelhos celulares (MORAES, 2022).

³² Os *chans* brasileiros mais notáveis foram o brchan, o dogolachan e o 55chan, todos extintos.

³³ Termo utilizado para se referir a *sites* que não são indexados pelo Google. Como não são indexados, são necessárias algumas técnicas para acessar essas redes privadas.

entre os dias 03 de Agosto de 2022 e 15 de Setembro de 2022, de modo que foi possível testemunhar o prazo de registro das candidaturas à Presidência da República nas eleições brasileiras de 2022 bem como os primeiros 30 dias de campanha e a movimentação da campanha nas redes do bolsonarismo. O próximo capítulo irá apresentar os resultados obtidos a partir desta observação.

3. OS CASOS ESTUDADOS

3.1 Apresentação dos dados e sistematização

Eni Orlandi defende que:

O objeto discursivo não é dado, ele supõe um trabalho do analista e para se chegar a ele é preciso, numa primeira etapa de análise, converter a superfície linguística (o *corpus* bruto), o dado empírico, de um discurso concreto, em um objeto teórico, isto é, um objeto linguisticamente de-superficializado, produzido por uma primeira abordagem analítica que trata criticamente a impressão de “realidade” do pensamento, ilusão que sobrepõe palavras, ideias e coisas (ORLANDI, 2015, p. 64).

Para esta primeira etapa de análise, foi organizada uma tabela onde foram elencados alguns dos conceitos trabalhados teoricamente e apresentados no Capítulo 1. e, a partir deles, observou-se os significados nativos, ou seja, aqueles dados a cada conceito pelos sujeitos em relações sociais dinâmicas e que, por isso, compõem o corpus analítico desta pesquisa.

É importante destacar que, na composição da tabela, a coluna dedicada ao Reddit não tem identificação dos autores, ao contrário do Twitter. Isso porque, conforme já explicado, é característico dos usuários do Reddit os perfis serem inscritos visando uma forma de despersonalização. A seguir, o resultado obtido na construção da tabela:

Tabela 2 - Utilização dos conceitos no Twitter e no Reddit

Conceitos	Twitter	Reddit
Conservadorismo	<ul style="list-style-type: none"> - Combate à ideologias / brasilparalelo damadeferroofic jairbolsonaro omachoalpha taoquei1 - Beleza / brasilparalelo - Bússola Moral / brasilparalelo - Perseguido pelo sistema / carlosbolsonaro damadeferroofic brazilfight - Conservadores são a 	<ul style="list-style-type: none"> - Relação com o cristianismo - Perseguido pelo sistema

Conceitos	Twitter	Reddit
	<p>maioria do povo, as pessoas comuns / damadeferroofic jairbolsonaro kimpaim taoqui1</p> <p>- Relação com o cristianismo / jairbolsonaro damadeferroofic omachalpha brasilparalelo joaquiteixeira kimpaim</p> <p>- Identidade nacional / jairbolsonaro damadeferroofic brasilparalelo kimpaim</p> <p>- Patriotismo / brasilparalelo jairbolsonaro joaquiteixeira</p> <p>- Soberania / jairbolsonaro</p> <p>- Verdade / brasilparalelo jairbolsonaro kimpaim taoqui1</p>	
Rede	<p>- Independência / brasilparalelo</p> <p>- Big Techs censurando conservadores / carlosbolsonaro damadeferroofic joaquiteixeira omachalpha taoqui1</p>	<p>- Big techs censuram conservadores</p>

Conceitos	Twitter	Reddit
	<ul style="list-style-type: none"> - Apoio orgânico / carlosbolsonaro - Indicação de perfis / damadeferroofic - Publicidade de lojas / damadeferroofic - “Família virtual” / damadeferroofic 	
Memes	<ul style="list-style-type: none"> - Lula ladrão / carlosbolsonaro damadeferroofic - Informação de maneira divertida / damadeferro jairbolsonaro - Sinal de “legal” / jairbolsonaro damadeferroofic - “Mitada” / joaquiteixeira kimpaim omachoalpha 	<ul style="list-style-type: none"> - Lula ladrão - KEKistão - Sapo Pepe - Dog Whistles
Gamer	<ul style="list-style-type: none"> - Linguagem agressiva: enfrentamento, combate, morte / damadeferroofic - Motociata <i>gamer</i> virtual / jairbolsonaro - Aceno a comunidade <i>gamer</i> em participações em podcasts / jairbolsonaro 	<ul style="list-style-type: none"> - Referências à cultura pop
Cibercultura	<ul style="list-style-type: none"> - Internet dá voz a todos 	<ul style="list-style-type: none"> - Cultura do

Conceitos	Twitter	Reddit
	/ carlosbolsonaro damadeferroofic taoquei1	cancelamento
Revolução	<ul style="list-style-type: none"> - Revolução cultural / brasilparalelo jairbolsonaro omachoalpha - “Dividir para conquistar” / carlosbolsonaro - Destrução do país / carlosbolsonaro - Jornalistas são militantes revolucionários / carlosbolsonaro kimpaim - Vermelho / jairbolsonaro 	<ul style="list-style-type: none"> - Jornalistas são militantes de esquerda
Igualdade/desigualdade	<ul style="list-style-type: none"> - Pobreza na argentina e “linguagem neutra” / damadeferroofic jairbolsonaro joaquiteixeira - Governos de esquerda aumentam a pobreza / damadeferroofic - Piada sobre a linha da pobreza / damadeferroofic - Igualdade é sermos todos iguais / 	<ul style="list-style-type: none"> - Redução da desigualdade é uma falácia - Justiça social como lacração

Conceitos	Twitter	Reddit
	jairbolsonaro - Justiça social como lacração / joaquiteixeira folha_sp kimpaim	
Algoritmo	- Algoritmo é imparcial, quem dá engajamento são os usuários / taoquei1 folhasp joaquiteixeira	- Algoritmo é imparcial, quem dá engajamento são os usuários
Política	- Tradição / brasilparalelo - Controle da liberdade / carlosbolsonaro taoquei1 - Guerra do bem contra o mal / carlosbolsonaro jairbolsonaro - Narrativas / carlosbolsonaro taoquei1 - Fake news como estelionato eleitoral / carlosbolsonaro - Amigos x inimigos / damadeferroofic - Batalha ideológica / damadeferroofic - Ligação da oposição com o crime organizado / jairbolsonaro	- Metacapitalismo - Narrativas - Controle da liberdade - Ligação da oposição com o crime organizado - Bolsonarismo matou o PSDB - Esquerda enquanto política do mal - Esquerda defende bandido - Descrédito nas pesquisas eleitorais - Teatro das tesouras

Conceitos	Twitter	Reddit
	carlosbolsonaro taoquei1 brazilfight - Descrédito em pesquisas eleitorais /carlosbolsonaro damadeferroofic taoquei1 kimpaim folha_sp joaquinteixeira brazilfight - Teatro das tesouras / brasilparalelo kimpaim	

A partir do que a tabela apresenta, são permitidas algumas interpretações que propiciam entender a postura dos *redditors* e dos usuários do Twitter, suas semelhanças, diferenças e se há conceitos que unem as ideologias propagadas nos dois espaços.

Inicialmente, chama a atenção que, dentre os perfis escolhidos, há perfis voltados para os memes. E eles foram escolhidos pela peculiaridade que é um Presidente da República seguir determinados perfis em um de seus canais oficiais de comunicação.

Outra característica que salta os olhos é a forma com que os setores dessa nova direita se veem. É, por vezes, um discurso bastante reativo, de profunda desconfiança com as plataformas de redes, principalmente quando há algum tipo de responsabilização pelo conteúdo publicado. A próxima sessão será destinada à apresentação do que foi observado ao longo da pesquisa, com ilustração da forma que determinados conceitos são apreendidos por parte dos sujeitos.

3.2 A nova direita no Twitter e no Reddit

Devido a quantidade do material obtido através da observação, expor todo o conteúdo torna-se inviável, tanto pelo limite de páginas, quanto pela variedade do material, que, por vezes, acaba se repetindo. Dessa maneira, buscou-se ilustrar ao menos uma categoria de cada termo.

3.2.1 A nova direita no Twitter

No que se refere à noção de conservadorismo, a conta no Twitter que mais se destaca é a da produtora de vídeos Brasil Paralelo³⁴. Curiosamente, em artigo produzido e divulgado no site da produtora, seus membros repudiam a visão que enxerga que ela possui uma visão conservadora, afirmando que “A Brasil Paralelo não é de extrema direita, nem conservadora, nem liberal, nem progressista. Preocupa-se com a busca da verdade; portanto, não faz parte de um grupo fixo. Há liberdade na busca da verdade” (BRASIL PARALELO, 2021, n.p). No entanto, a produtora coloca-se aliada da visão neoconservadora de guerra cultural, conforme pode ser observado nesta publicação do Twitter:

Figura 2 - Guerra cultural



Fonte: captura de tela do Twitter, 2022

Não apenas referências à guerra cultural aliam a produtora ao conservadorismo, mas teorias da conspiração, a exemplo da noção de “teatro das tesouras”. Essa teoria encontra como base um texto do ideólogo de extrema direita Olavo de Carvalho, que apresenta a teoria como uma articulação de dois tipos de socialismo, o revolucionário marxista e o “fabiano”, um tipo de socialismo moderado de direita (CARVALHO, 2002). Ele argumenta que:

A articulação dos dois socialismos era chamada por Stalin de ‘estratégia das tesouras’: consiste em fazer com que a ala aparentemente inofensiva do movimento apareça como única alternativa à revolução marxista, ocupando o espaço da direita de modo que esta, picotada entre duas lâminas, acabe por desaparecer. A oposição tradicional de direita e esquerda é então substituída pela divisão interna da esquerda, de modo

³⁴ Empresa fundada em 2016, em Porto Alegre.

que a completa homogeneização socialista da opinião pública é obtida sem nenhuma ruptura aparente da normalidade (CARVALHO, 2002, n.p).

No entanto, não foi indicado em qual texto do ex-líder soviético há uma alusão a essa estratégia. Mas uma busca no Google indica que essa noção se trata de uma teoria da conspiração. Contudo, a noção de teatro das tesouras é utilizada nas redes bolsonaristas no Twitter, como aparece nas Figuras 3 e 4.

Figura 3- Teatro das tesouras



Fonte: captura de tela do Twitter, 2022

Figura 4 - O conservadorismo interrompendo o teatro das tesouras



Fonte: captura de tela do Twitter, 2022

Mas além das conspirações como a do teatro das tesouras, os usuários do Twitter também nutrem um sentimento de perseguição. Para eles, ao mesmo tempo em que o

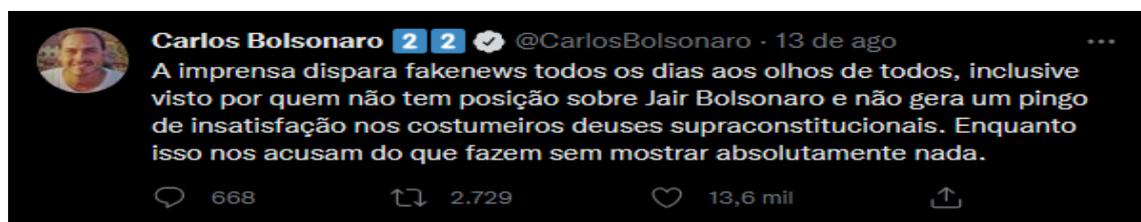
algoritmo é imparcial e privilegia conteúdos que geram mais engajamento, há, pelas plataformas, uma certa censura aos conteúdos que replicam ideais conservadores.

Figura 5 - Censura pelas redes sociais



Fonte: captura de tela do Twitter, 2022

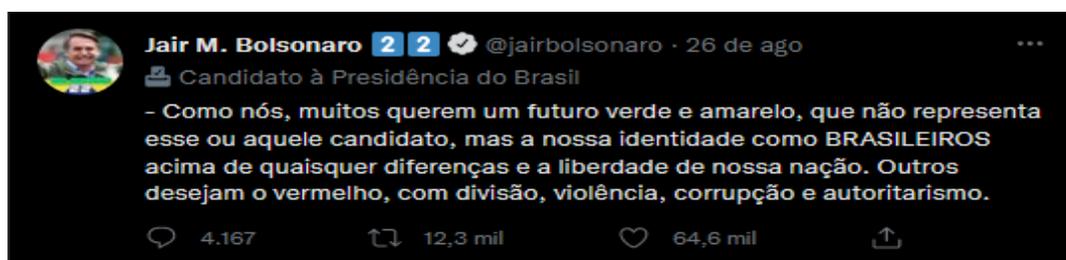
Figura 6 - Conservadores perseguidos pela imprensa



Fonte: captura de tela do Twitter, 2022

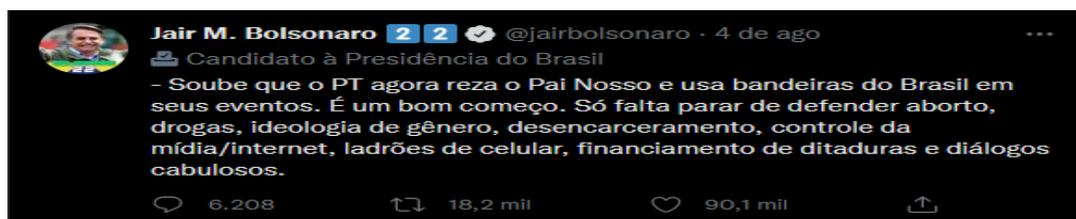
Outro ponto de ligação entre os observados é a visão compartilhada de que o conservadorismo representa a visão do “homem comum”. O conservadorismo aparece como uma visão de mundo “livre de ideologias”. Essas ideologias aparecem, nos discursos neoconservadores, como parte da estratégia das pautas morais que eles alegam defender. É válido destacar que o termo neoconservadorismo não é utilizado. E, geralmente, o termo conservador também é omitido, o que faz parte da tática de naturalização dessa visão de mundo, colocando-a não como uma posição política, mas como os “princípios morais da civilização”.

Figura 7 - Conservadorismo enquanto identidade nacional



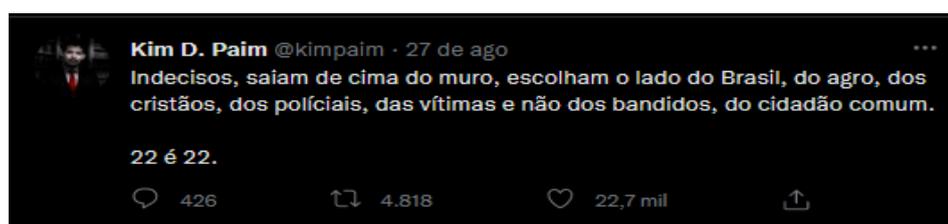
Fonte: captura de tela do Twitter, 2022.

Figura 8 - Demonização da oposição



Fonte: captura de tela do Twitter, 2022

Figura 9 - Conservadorismo representa o cidadão comum



Fonte: captura de tela do Twitter, 2022

Pelo que foi observado, em todos os perfis há, em maior ou menor proporção, o humor como ferramenta de comunicação. Grande parte desse humor está relacionado a desqualificar o ex-presidente Lula, principal opositor de Jair Bolsonaro nas eleições de 2022. Essa tentativa de descrédito se dá por várias vias: acordar o fantasma do comunismo, que acusam ter destruído outros países da América Latina; levantar a polêmica acerca da prisão do ex-presidente e denúncias sobre corrupção nos governos encabeçados pelo Partido dos Trabalhadores; insinuar que o Partido dos Trabalhadores possui ligações com o crime organizado. A seguir, as figuras que ilustram esse processo de memeficação.

Figura 10 - Ligação com o crime



Fonte: captura de tela do Twitter, 2022

Figura 11 - Meme com acusação de corrupção



Fonte: captura de tela do Twitter, 2022

Por fim, o conteúdo que mais chamou atenção para a memeficação, foi a utilização de *shitpost* por parte do perfil oficial de Jair Bolsonaro. *Shitpost* pode ser entendido como uma forma de meme. Com baixa qualidade gráfica, em geral o conteúdo apresenta um caráter irônico, sem sentido ou mesmo agressivo. Esta postura pode ser vista como um aceno a comunidades mais *undergrounds* no *ciberespaço*.

Figura 12 - *Shitpost* publicada por Jair Bolsonaro

Fonte: captura de tela do Twitter, 2022

Figura 13 - Carreata virtual



Fonte: captura de tela do Twitter, 2022

A figura a seguir trata do dia da sabatina realizada em 22 de Outubro de 2022 pela TV Globo. Jair Bolsonaro sintonizou o canal de uma emissora concorrente, numa clara tentativa de viralizar o conteúdo, uma vez que ele mantém a narrativa de perseguido pelos veículos de comunicação. Devido a atenção dada a participação dele no programa, o meme em questão foi visto e compartilhado por milhares de pessoas.

Figura 14 - Participação na TV Globo



Fonte: captura de tela do Twitter, 2022

É através da alcunha de mito, que a memeficação da política bolsonarista demonstra sua validade enquanto argumento. Em 2018, este foi um importante instrumento na campanha presidencial. Em 2022, este recurso continua a ser utilizado pela base de apoiadores de Jair Bolsonaro. A estratégia de utilização deste recurso é simples, mas efetiva: é reproduzir o comportamento *troll* das comunidades antagônicas online no debate político. A qualquer questionamento ou tentativa de debate, é dada uma resposta grosseira, agressiva ou cômica, risível. E essa resposta é amplamente compartilhada nas redes bolsonaristas como uma “mitada”.

Figura 15 - Comportamento *troll*



Fonte: captura de tela do Twitter, 2022

Figura 16 - Repercussão das “mitadas”



Fonte: captura de tela do Twitter, 2022

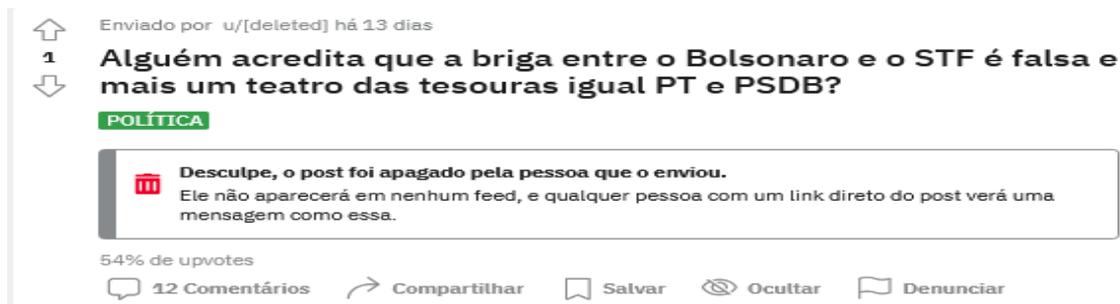
3.2.2 O /r/brasilivre e o troll

Ao longo do texto, a imagem do *troll* foi resgatada em diversos momentos. Esse ser mitológico é bastante utilizado em jogos eletrônicos, e setores da cibercultura inspiraram-se nele para criar um tipo de comportamento baseado na ofensa. Às vezes, essa ofensa busca chamar atenção e com isso passar uma mensagem; às vezes, a única intenção é chocar. No *subreddit* /r/brasilivre, observou-se que eles utilizam da polêmica apenas por achar engraçado. Esse exemplo fica explícito quando o *dog whistle* do *clown world* é uma das *flags*³⁵ do *subreddit*. Lembrando que o *clown world* é uma ideia que dialoga com o pensamento neoconservador, pois reafirma esse pensamento de degeneração social, ao declarar que o “mundo moderno” transformou-se em um show de horrores, e o que resta a fazer é rir.

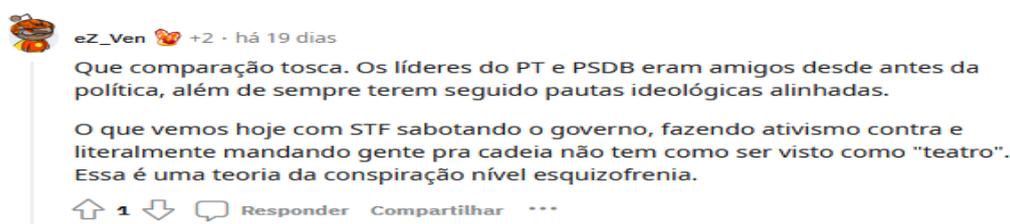
No *subreddit*, teorias conspiratórias como a do “teatro das tesouras”, exemplificado por usuários do Twitter, também estão presentes. As figuras 17 e 18 ilustram a percepção que os usuários têm em relação ao tema. Contudo, há algo curioso. Como o *subreddit* não é necessariamente uma rede bolsonarista, estando, conforme relatado, uma postura mais semelhante a da *alt-right* estadunidense, um usuário questionou se Jair Bolsonaro não seria parte desse teatro, o que foi rejeitado pelos usuários.

³⁵ Uma das formas de agrupar o conteúdo publicado na plataforma. Aparece como uma bandeirinha do lado da publicação, facilitando a realização de uma filtragem por interesse.

Figura 17 - Teatro das tesouras



Fonte: captura de tela do /r/brasilivre, 2022

Figura 18 - Resposta dada ao *post* da figura 17

Fonte: captura de tela do /r/brasilivre, 2022

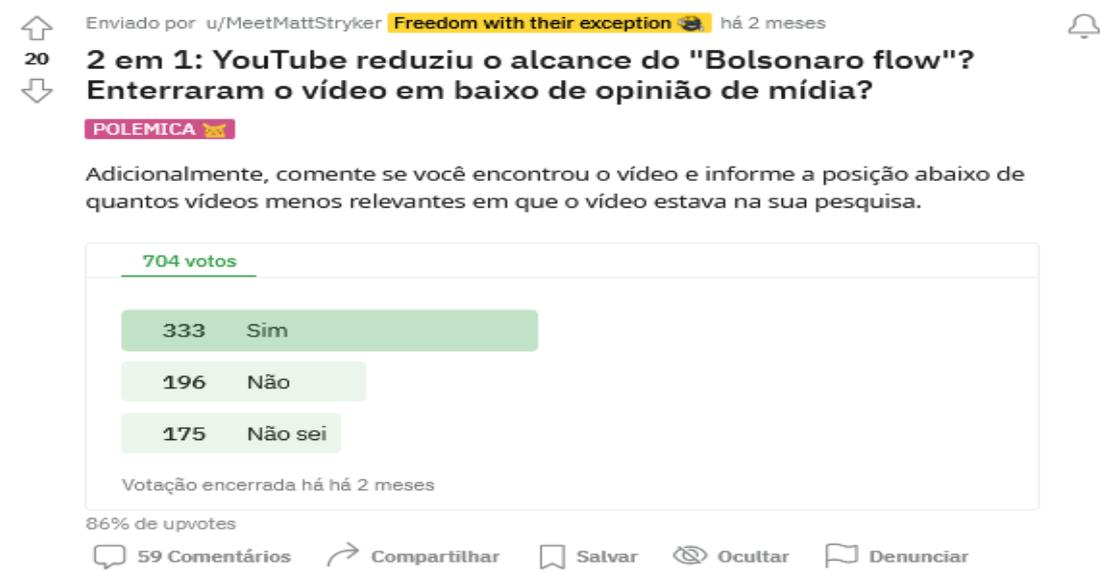
A figura anterior faz referência, também, à ideia de perseguição, que mostramos aparecer também no Twitter. Alguns usuários carregam a mentalidade conspiratória também nessa questão. Segundo eles, os conservadores são perseguidos pelo Poder Judiciário, pelas plataformas de rede digitais e pela mídia, que afirmam ser majoritariamente composta por militantes de esquerda. A seguir serão apresentadas capturas de tela que ilustram essa perspectiva.

Figura 19 - Perseguição da Justiça aos conservadores



Fonte: captura de tela do Reddit, 2022

Figura 20 - Perseguição das plataformas de redes digitais aos conservadores



Fonte: captura de tela do Reddit, 2022

A figura 20 traz a ideia de censura pelo algoritmo do YouTube, uma plataforma de compartilhamento de vídeos, onde Jair Bolsonaro participou de uma entrevista de mais de 5 horas no Flow, um *mesacast*³⁶ bastante popular. No entanto, quando uma jornalista divulgou um estudo que afirmava que havia certa parcialidade por parte do algoritmo do YouTube, a matéria foi compartilhada no *subreddit* em tom de piada, como se a jornalista e os produtores do estudo não entendessem como o algoritmo funciona.

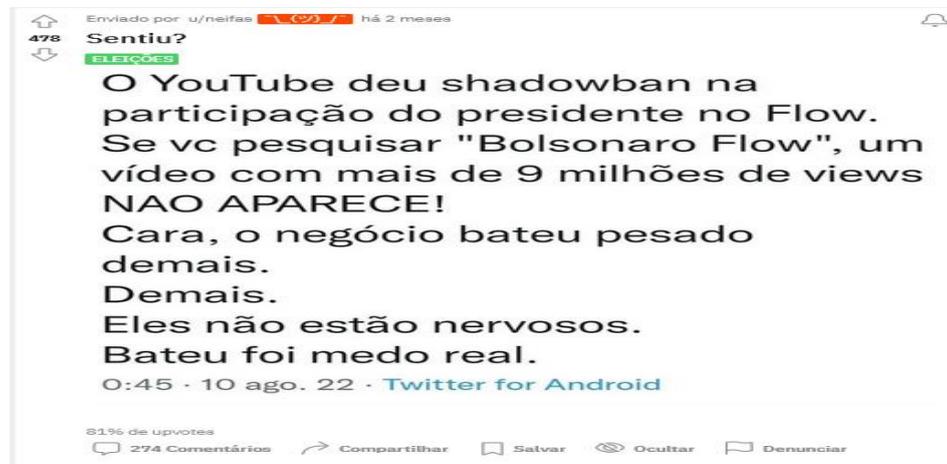
Figura 21 - Perseguição da mídia aos conservadores



³⁶ Um modelo de programa de entrevista, bastante popular no YouTube.

Fonte: captura de tela do Reddit, 2022

Figura 22 - Parcialidade do algoritmo do Youtube



Fonte: captura de tela do Reddit, 2022

Entretanto, no */r/brasilivre* os memes são a presença mais marcante. Por vezes são replicados memes criados no Twitter. Por vezes, o único intuito é polemizar. Dentre o conteúdo veiculado, chamou atenção um *post* explicativo sobre o fascismo utilizando uma estética *countryball*, que é um tipo de meme contendo representações de países do mundo, geralmente contendo piadas baseadas em estereótipos nacionais. Além disso, o *shitpost* é muito presente nas publicações do *subreddit*.

Figura 23 – Fascismball



Fonte: captura de tela do Reddit, 2022

Figura 24 - *shitpost* com a imagem de Jair Bolsonaro



Fonte: captura de tela do Reddit, 2022

Figura 25 - Meme ridicularizando o ex-presidente Lula



Fonte: captura de tela do Reddit, 2022

Ao fim da observação foi possível entender as estratégias de comunicação utilizadas por estas redes da extrema direita brasileira nas plataformas virtuais. Estas estratégias mostram-se capazes de mobilizar amplos setores das comunidades antagônicas online, pois os discursos propagados nestas redes conseguem agrupar diferentes subculturas.

Os exemplos trazidos evidenciam que os movimentos neoconservadores buscam confundir os destinatários de seus discursos, uma vez que reafirmam que os valores propagados por sua corrente política são os mesmos do “cidadão comum”, ou ao menos de quem o conservadorismo enxerga como o cidadão: aquela figura geralmente branca, masculina, heterossexual e cristã. Qualquer coisa além disso é “ideologia”.

Para isso, utilizam de técnicas de desmoralização de campos políticos opostos ao seu, classificando-os como um todo homogêneo, o que é fortalecido por teorias da conspiração como a “estratégia das tesouras” e outras semelhantes. Aqui também entra a questão da perseguição. Conforme demonstrado, qualquer responsabilização pelo conteúdo propagado, seja uma medida judicial ou a simples crítica é vista como perseguição ou “cancelamento”. Todas estas técnicas têm como propósito apresentar-se como a única força política capaz de combater a degeneração social que eles afirmam que será trazida caso “o outro lado” tome o poder.

A partir dos resultados obtidos pela observação, a análise do discurso difundido por essas redes salienta a necessidade de redefinição das políticas de uso e moderação das redes digitais. O modelo de negócios do Vale do Silício tornou as comunidades virtuais em vitrines de anúncios, conforme apontado por Morozov (2019). Dessa maneira, a lógica de funcionamento dessas plataformas digitais de redes sociais acaba por recompensar a proliferação de publicações que propagam ideologias falsas, conteúdos perigosos e agressivos, onde falsas polêmicas ganham fôlego pela capacidade de engajamento destas publicações. O engajamento ignora o teor dos comentários, se atendo unicamente a capacidade que a publicação tem de gerar comentários, *likes* e compartilhamentos. Por isso, enquanto este modo de funcionamento for dominante nas plataformas digitais, a busca por engajamento continuará privilegiando as mitadas, a memeficação da política e a fascistização do riso, tornando-as, ao menos nas redes, o discurso dominante. Portanto, alguns caminhos para essa mudança de paradigma são apontados por Morozov (2019), e esta mudança parte pela responsabilização, seja das plataformas, ou dos usuários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A professora Lola Aronovich, que possui um longo histórico de embates e perseguição por parte de setores das comunidades antagônicas online, afirmou, em um texto detalhando a trajetória de sua militância por meio do *blog* “escreva, lola, escreva”, que “é muito mais fácil espalhar o mal que o bem” (ARONOVICH, 2022, p.8). Essa capacidade de multiplicação, seja do mal ou do bem, encontrou no ciberespaço um amplo terreno para atuação.

A partir do que foi exposto, a trajetória da internet foi marcada pela cooperação em redes. Desde o início, conforme demonstrado por Castells (2019) com os grupos dedicados a conversar sobre ficção científica, a internet foi criando essas novas formas de comunidade. Contudo, na busca por lucro, empresas de tecnologia reorganizaram o capitalismo e transformaram os dados de bilhões de usuários das redes digitais, ao redor do mundo, em mercadoria. E essa mercadoria, em posse de estrategistas políticos, demonstrou-se capaz de influenciar o destino de países inteiros (EMPOLI, 2019). A partir disso, *trolls* que reproduziam na esfera pública comportamentos presentes nas comunidades antagônicas online foram elevados ao posto de Presidente da República, a exemplo de Jair Bolsonaro.

Concomitantemente, setores do bolsonarismo avançam na memeficação da política, reduzindo o debate público a “mitadas”, e qualquer crítica ou responsabilização pelos discursos propagados é alardeado como censura ou cancelamento, o que acaba enfraquecendo o debate público. A memeficação da política não possui força apenas para enfraquecer o debate, uma vez que os memes transmitem mensagens de ódio, que acabam sendo apresentadas ao público como exercício de liberdade de expressão.

Retornando às formulações de Evgeny Morozov (2019), a eclosão da internet deu um novo fôlego ao capitalismo, que em posse das tecnologias da revolução tecnológica configurou-se em um “capitalismo digital”. Dessa maneira, a potencialidade das redes digitais foi reduzida a lucratividade por meio do poder que o engajamento possui na venda de anúncios.

Portanto, este é um desafio posto à sociedade civil: resgatar o controle das redes e com isso mitigar a influência das mitadas no debate público, retomando a potência transformadora do diálogo. Pelo que a pesquisa indica, talvez este modelo dominante na internet tenha se esgotado, e seja necessário fortalecer redes baseadas na

colaboração mútua, que tenham como principal compromisso o fortalecimento de laços de cooperação, inclusão e democracia, e não unicamente a busca por lucro.

Para isso, é preciso sair da esfera do Vale do Silício e sua forma de pensar tecnologia e subversão. Se, conforme elaborado por Morozov (2019) a ascensão dos dados representou a morte da política, esta pode ser resgatada e sua importância mais uma vez seja reintroduzida no centro do debate. Apenas assim o *high tech low life* do cyberpunk pode voltar a representar uma distopia.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. São Paulo: Editora Unesp, 2020.
- AFONSO, Carlos Alberto. **Internet no Brasil: o acesso para todos é possível?**. 2000.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. Neoconservadorismo e liberalismo. **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, p. 27-32, 2018.
- ALONSO, Angela. Métodos qualitativos de pesquisa: uma introdução. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo**. São Paulo: Sesc/São Paulo, Cebrap, p. 8-23, 2016.
- ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy. **Infoproletários: degradação real do trabalho virtual**. Boitempo Editorial, 2015.
- ARONOVICH, Lola. A trajetória e resistência do Escreva Lola Escreva. **Revista Estudos Feministas**, v. 30, 2022.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Editora Vozes Limitada, 2017.
- BENAKOUCHE, Tamara. Redes técnicas/redes sociais: pré-história da Internet no Brasil. **Revista USP**, n. 35, p. 124-133, 1997. Disponível em: <https://www.ime.usp.br/~is/infousp/tamara.htm>. Acesso em: 04 out. 2022.
- BERARDI, Franco. **Depois do futuro**. São Paulo: Ubu Editora, 2019.
- BLANCO, Patrícia. A era da pós verdade?. **Instituto Palavra Aberta**, 2017. Disponível em: <https://www.palavraaberta.org.br/artigo/a-era-da-pos-verdade.html>. Acesso em: 04 out. 2022.
- BOITO JR, Armando et al. Por que caracterizar o bolsonarismo como neofascismo. **Crítica marxista**, v. 1, n. 50, 2020.
- CARVALHO, MLB de. História da internet no Brasil. 2010. Disponível em: <https://homepages.dcc.ufmg.br/~mlbc/cursos/internet/historia/Brasil.html>. Acesso em: 04 out. 2022.
- CARVALHO, Olavo De. A mão de stálin está sobre nós. **O Globo**, 2003. Disponível em: <https://olavodecarvalho.org/a-mao-de-stalin-esta-sobre-nos/>. Acesso em: 04 out. 2022.
- CASSINO, João Francisco; SOUZA, Joyce; SILVEIRA, Sérgio Amadeu Da. **Colonialismo de dados e modulação algorítmica: tecnopolítica, sujeição e guerra neoliberal**. São Paulo: Autonomia literária, 2021.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e terra, 2019.

- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- CORMEN, Thomas H. *et al.* **Algoritmos: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. Editora Companhia das Letras, 2017.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo: Contraponto, 2016.
- EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições**. Vestígio Editora, 2019.
- FAERMAN, Juan. **Faceboom: facebook, o novo fenomeno de massas**. Lisboa: QUIDNOVI, 2011.
- FEITOSA, Charles. Pós-verdade e política. **Revista Cult**, 2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/pos-verdade-e-politica/>. Acesso em: 04 out. 2022.
- FERREIRA, Alanis Silva. **A alt-right e a revitalização do ideário nacionalista branco na Era da Informação**. Orientador: José Lindomar Coelho Albuquerque. 2020. 76 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/58962>. Acesso em: 11 mai. 2022.
- FISHER, Mark. **Fantasmas da minha vida: escritos sobre depressão, assombrologia e futuros perdidos**. São Paulo: Autonomia Literária, 2022.
- G1. Facebook atinge marca de 1 bilhão de usuários todos os dias. **G1**, 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/04/facebook-atinge-marca-de-1-bilhao-de-usuarios-todos-os-dias.html>. Acesso em: 04 out. 2022.
- G1. Veja a cronologia da invasão do Congresso dos Estados Unidos por apoiadores de Trump. **G1**, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/01/06/veja-a-cronologia-da-invasao-do-congresso-dos-estados-unidos-por-apoiadores-de-trump.ghtml>. Acesso em: 04 out. 2022.
- GIBSON, William. **Neuromancer**. São Paulo: Aleph, 2003.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2007.
- GONÇALVES, Leandro Pereira; NETO, Odilon Caldeira. **O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo**. Editora FGV, 2020.
- GOULART, Lucas; NARDI, Henrique Caetano. GAMERGATE: cultura dos jogos digitais e a identidade gamer masculina. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 11, n. 3, p. 250-268, 2017.

- HOBSBAWM, Eric. **A era das revoluções: 1789-1848**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- KAFKA, Franz. **A Metamorfose**. São Paulo: Pé da Letra, 2017.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LUXEMBURGO, Rosa. **Reforma ou revolução?** São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- MANCE, Euclides André. **A revolução das redes: a colaboração solidária como uma alternativa pós-capitalista à globalização atual**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- MIGUEL, Luis Felipe. A reemergência da direita brasileira. **O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil**. São Paulo: Boitempo, p. 17-26, 2018.
- MOCELLIM, Alan. Internet e identidade: um estudo sobre o website Orkut. **Revista eletrônica dos pós-graduandos em sociologia política da UFSC**, v. 3, n. 2, p. 100-121. Disponível em: https://www.academia.edu/44376461/Internet_e_Identidade_um_estudo_sobre_o_website_Orkut. Acesso em: 04 Out. 2022.
- MORAES, Acácio. 94% têm conta em alguma rede social; WhatsApp lidera com 92%. **Folha**, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2022/07/94-tem-conta-em-alguma-rede-social-whatsapp-ldera-com-92.shtml>. Acesso em: 04 out. 2022.
- MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- MULHALL, Joe. **Tambores à distância: viagem ao centro da extrema direita mundial**. São Paulo: LeYa Brasil, 2022.
- O'REILLY, Tim. O que é Web 2.0: padrões de design e modelos de negócios para a nova geração de software. **Retrieved Aug**, v. 10, p. 2017, 2005. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/114173/mod_resource/content/1/o-que-e-web-20_Tim%20O%C2%B4Reilly.pdf. Acesso em: 04 out. 2022.
- ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes Editores, 2015.
- PATSCHIKI, Lucas. A internet no Brasil: a utilização política da tecnologia da informação. **Publicatio UEPG: Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes**, v. 19, n. 2, p. 129-140, 2011. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/humanas/article/view/3668>. Acesso em: 04 out. 2022.
- RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Comunicação e política**. São Paulo: Hackers Editores, 2000.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores.** Porto Alegre: Sulina, 2013.

SARMENTO, Jones Cavalcanti. **Banco de dados: curso técnico em desenvolvimento de sistemas.** Recife: Escola Técnica Estadual Professor Antônio Carlos Gomes da Costa, 2019.

SPENILLO, Giuseppa M. D. Mobilizações em redes nos espaços virtuais: reflexos da era digital nas lutas sociais de resistência. **Estudos do século XX**, n. 15, p. 96-113.

SUMPTER, David. **Dominados pelos números: Do Facebook e Google às fake news- Os algoritmos que controlam nossa vida.** São Paulo: Editora Bertrand Brasil, 2019.

TEITELBAUM, Benjamin R. **Guerra pela eternidade: o retorno do tradicionalismo e a ascensão da direita populista.** Campinas: Unicamp, 2021.

TORRES, Ton. O fenômeno dos memes. **Ciência e Cultura**, v. 68, n. 3, p. 60-61, 2016.